

EM GUARDA

ANO 3

Para a defesa das Américas

N. 2

RICHARD SCHNECKENBERGER, DE 15 ANOS, FILHO DE UM CRIADOR, CRIA AS SUAS PRÓPRIAS VACAS HOLSTEIN



ESTES SÃO OS QUE VOLTARAM

O ASSALTO estava no auge da sua intensidade. Uma granada alemã rompeu a densa fumaça, no campo de batalha italiano, e foi atingir certamente o tanque americano que avançava no vale. O tanque estancou. As baterias inimigas concentraram seu fogo contra o mastodonte imóvel. Seu artilheiro da frente e o tenente comandante tambaram mortos pela primeira carga. Parecia ser impossível que um homem sobrevivesse aos efeitos de semelhante tiroteio.

Mas o soldado Francis H. Stenberg, natural de Nova York, conseguiu sobreviver. Poucas semanas depois, deitado numa cama, no Hospital Geral Halloran, em Staten Island, Nova York, relatou o seu trágico episódio. A cama em que ele estava tinha toda sorte de cordas e aparelhos de distensão, providos de pesos, aplicados à sua perna direita. Nessa posição tinha estado o convalescente, imobilizado, durante vários dias, numa das fases mais importantes do tratamento. "Não é tão mau," disse ele. "Já posso me mover na cama."

Um punhado de cabelo começava a despontar na sua cabeça, no lugar em que ele tinha sofrido uma grave queimadura em consequência do incêndio de que fora presa o tanque. Sua mão esquerda, apoiada numa tipoia, estava esquelética, ligeiramente coberta por uma pele fina e vermelha. Seus braços também estavam esqueléticos, e pelo que se podia ver da sua perna colocada no aparelho, tinha-se uma idéia do muito que ele emagrecera, em comparação com a sua complexão física de antes da batalha.

"Estávamos num vale, um lindo e tranquilo lugar," lembrou o soldado. "Havia cinco tanques, espaçados em linha. O nosso estava num dos extremos. Tínhamos avançado bastante no vale, e, do inimigo, não víamos indício algum. Comecei a pensar que os alemães estavam mais longe do que tínhamos calculado, quando, subitamente, romperam fogo. Atacaram de ambos lados, num tiroteio cruzado, de tremendo efeito, porque foi o resultado de um plano bem elaborado. A primeira granada que nos atingiu estroçalhou as sapatas do nosso tanque. Tudo foi tão rápido que mal tivemos tempo para nos certificar do ocorrido. E, imediatamente, começaram as granadas de 88 mm. a nos atingir com uma pontaria mortífera. Fiquei ferido numa perna. Quanto aos meus companheiros, creio que foram mortos. Nunca mais os vi. Naquele dia, eu estava servindo como assistente de artilheiro. Se estivesse no canhão da frente, que era o meu posto regular, teria sido morto.

"E, enquanto o tanque estava lá, imobilizado, os alemães dispararam uma granada incendiária, que atingiu o tope da torre, fazendo um rombo na couraça. O metal estava em brasa, mas consegui me safar pelo orifício, caindo a pouca distância do tanque, que continuava a arder.

"Minhas pernas estavam imprestáveis, minhas mãos e minha cabeça tinham sido bastante queimadas. Quis ficar ali mesmo, imóvel, mas as balas das metralhadoras não cessavam, levantando a terra em redor do ponto onde eu estava. Comecei a me arrastar, apoiando-me nos cotovelos. E assim, em quatro horas, consegui me afastar três quilômetros sobre terreno acidentado."

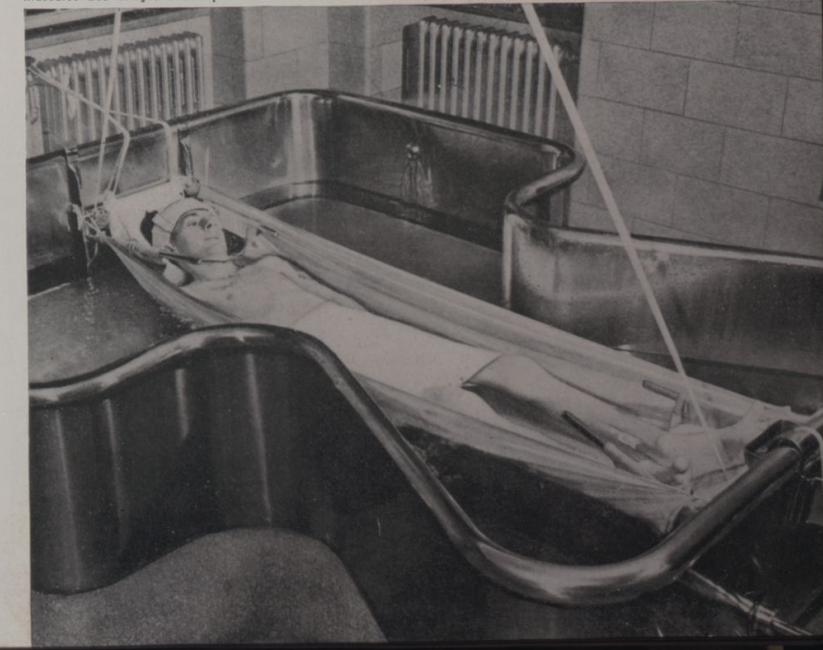
Finalmente, à tardinha, foi ele avistado por um tanque inglês que passava, sendo socorrido por um dos soldados, que lhe atou os ferimentos. Ele, que já tinha perdido tanto sangue, foi ainda, ali mesmo, atingido por outra bala ini-

Soldados aliados, à esquerda, feridos na campanha contra os alemães na Itália, aguardam sua remoção para a África

EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Pub. Int. Corp. Redação: 330 W. 42nd Street, Nova York. Oficinas: 561 Chestnut Street, Filadélfia. Classificada como impresso de segunda classe no correio de Filadélfia, Pa., E.U.A., a 8 de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1879, Ano 3, N. 2.

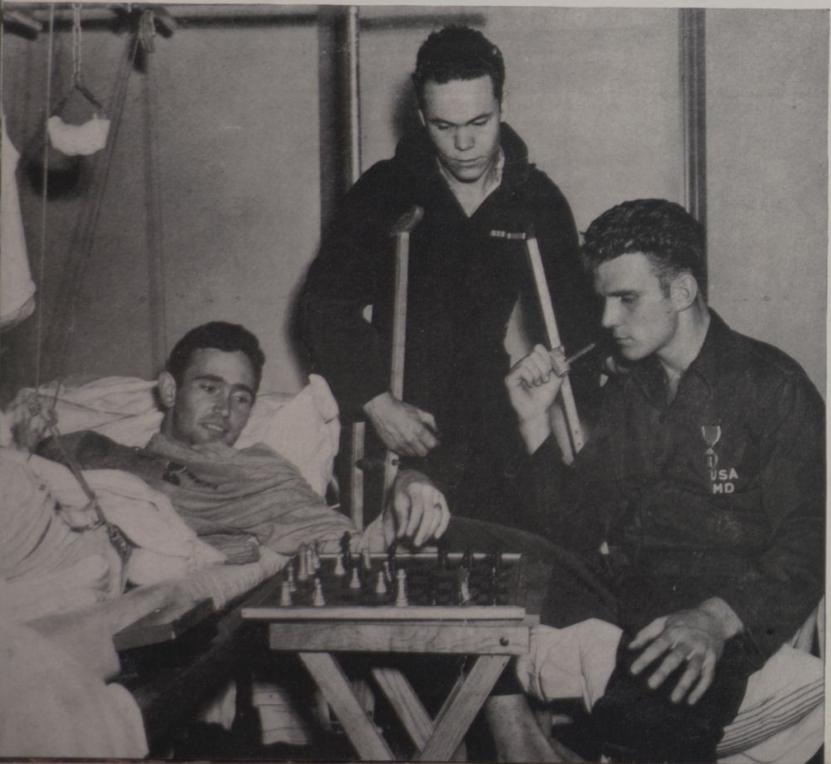


Condecorando, por atos de bravura, um soldado ferido, internado no Hospital Halloran. Neste estabelecimento modelar, famosos especialistas empregam o que há de mais moderno no tratamento dos feridos de guerra. Em baixo: o tratamento pela hidroterapia usado para a restauração funcional dos músculos dos braços e das pernas. Centenas de soldados julgados incuráveis estão agora restabelecidos





Nos casos graves, durante o período da convalescença, são proporcionados aos enfermos tôdos os recursos para ajudá-los a recuperar a sua saúde, mental e fisicamente. Vemos na gravura dois soldados aprendendo a fazer trabalhos de cerâmica, no Hospital Halloran. Há também exibição de filmes, concêrto musicais e vários jogos para mantê-los entretidos. Em baixo: divertimentos para aqueles que ainda estão de cama



(Continuação)

miga. Removido para o hospital de sangue, uma transfusão de plasma sanguíneo salvou-lhe a vida, como já tem salvo a de milhares de combatentes. Poucos dias depois, conquanto ainda estivesse desenganado pelos médicos, foi removido para os Estados Unidos, num navio hospital e internado no Hospital Halloran, que é considerado como um dos maiores e mais modernos estabelecimentos desse gênero no mundo inteiro.

Após semanas de tratamento, seu médico assistente declarou: "Agora, ele é um homem que vive. Quando o recebemos, era um morto vivo".

Tem sido realmente grandiosa a obra dos cirurgiões do Hospital Halloran, salvando vidas e refazendo corpos estrçalhados pela guerra. Há três outros hospitais gerais nos Estados Unidos, notáveis pelas suas instalações e pela proficiência do seu corpo médico. Mas o Halloran está recebendo um número extraordinário de feridos procedentes do setor europeu.

Há no trajeto para o Hospital Halloran, em Staten Island, para quem vá de Nova York, dois pontos de atração muito expressiva. Um é a estátua da Liberdade, o histórico presente oferecido pelo povo da França aos Estados Unidos; outro é o Boulevard da Vitória, que conduz ao local do hospital. Este é um conjunto composto de 43 edifícios, novos e atraentes, situados numa área de 383 acres de terreno magnificamente arborizado. O hospital tem uma capacidade para 3.000 leitos, mas em caso de necessidade pode acomodar muito mais. O Exército encontrou nêsse estabelecimento modelar o hospital ideal para atender às suas necessidades de guerra. A sua construção estava sendo feita pelo Estado de Nova York, que pretendia destiná-lo ao serviço de uma importante especialidade — higiene mental infantil. As obras estavam quasi terminadas, quando o Corpo de Saúde do Exército julgou mais conveniente adaptá-lo aos seus fins imediatos, do que ter de esperar pela construção de um outro hospital do mesmo tipo.

Pouca mais de um mês depois da sua transferência para as autoridades militares, em Outubro de 1942, o hospital recebeu o seu primeiro enfermo. Desde então, muitas centenas de feridos procedentes dos campos de batalha de todas as partes do mundo têm sido acolhidos nêsse grande centro de ciência médica, onde numerosos são os casos de salvamento de vidas, graças aos modernos métodos empregados. São casos que atestam o grande progresso alcançado pela medicina militar. Além disto, há ainda o inestimável trabalho de restauração orgânica feita com um sucesso que, há poucos anos, parecia impossível.

Há muitas razões que justificam a fama que já tem o Hospital Halloran, de ser um centro de restabelecimento da saúde e de restauração orgânica. Uma dessas razões está na constituição do seu corpo de reputados especialistas. Outra é a própria instalação hospitalar, elaborada com o que há de mais moderno e mais eficiente no mundo. Os médicos do Halloran, escolhidos dentre os especia-

listas dos famosos hospitais dos Estados Unidos, têm tido oportunidade de verificar muitos fatos de grande significação, através dos casos sob seus cuidados. Um desses fatos é o que se refere à gangrena. Na primeira guerra mundial essa era a maior causadora da morte entre soldados feridos em combate. Hoje, está reduzida a dois por cento, aproximadamente, daquilo que era em 1917 e 1918. Ao ser perguntado sobre o tipo mais frequente de tratamento no hospital, um dos médicos do Halloran respondeu: "Tratamos de tudo, mas já notei que há poucos casos atribuídos a balas de metralhadoras."

No pavilhão central do estabelecimento há uma numerosa série de salas de operações, para fins especializados, que vão desde a extração de pequenos fragmentos de projéteis de armas de fogo até os casos de cirurgia corretiva. As vezes, um internado é submetido a várias operações, feitas meticulosamente, sempre com o propósito de reduzir ao mínimo as danosas consequências dos ferimentos de guerra.

Quasi que não se registra um caso de infecção. Dentre tôdos os feridos procedentes de Pearl Harbor não se verificou uma única morte causada por infecção, fato que bem demonstra como se tem adiantado a ciência médica nêstes últimos vinte e cinco anos.

Um médico, ao passar pela cama de um dos internados, ouviu-o dizer que "seu dedo grande do pé estava doendo." O médico parou e verificou que o soldado não tinha pé e quasi não tinha perna. Tratava-se de um simples reflexo nervoso, segundo explicou o próprio médico. A sensação era, de fato, de dor no dedo grande do pé. Conquanto o doente tivesse perdido o pé e parte da perna, os nervos correspondentes continuavam sensíveis, fazendo-se refletir não no dedo do pé, mas no extremo da parte amputada. A sensação que os nervos comunicavam ao cérebro parecia vir do dedo que não mais existia.

E' comum, no hospital, ouvir os feridos falarem em ir a Nova York para "tomar medida". Não se trata de tomar medida de roupas ou de fardamento, mas simplesmente de uma perna artificial — o moderno mecanismo de madeira e metal, prodígio de ortopedia.

Ir a Nova York "tomar medida" quer dizer que o peor está passado. Daí em diante, para os soldados que têm deformidades locomotoras, é uma questão de aprender a andar com uma perna artificial. Depois de exercícios sob as vistas dos especialistas do hospital, muitos homens conseguem andar tão bem que é difícil notar nêles a ausência de uma perna natural. Muitas das amputações naturais tratadas no Hospital Halloran são feitas nos próprios hospitais de sangue. Os médicos as denominam "operações de guilhotina" — para significar o corte feito para remover, na emergência, os tecidos despedaçados do membro atingido.

A natureza dos ferimentos de guerra impõe êste recurso extremo em milhares de casos. Quem visitar um hospital militar pode observar os efeitos causados por uma bala ou pelos estilhaços de uma granada no corpo humano.



Milhares de assistentes da Cruz Vermelha nos Estados Unidos contribuem voluntariamente para distrair os convalescentes de guerra. Mulheres da Cruz Vermelha organizam passatempos e ensinam vários trabalhos



Exercícios ao ar livre fazem parte do processo de restauração da saúde dos internados. Cada um dêles é tratado especialmente para aproveitar o mais possível a sua estadia no hospital. Em baixo: êste soldado, cujos pés foram amputados, frequentemente tem reflexos nervosos que lhe dão a sensação de dor no dedo do pé. Depois da cicatrização, começa o período de adaptação das pernas artificiais, no próprio hospital



No Dia da Bandeira realizaram-se várias cerimônias em honra dos feridos. Muitos, depois de curados, voltam para a guerra



DESCENDO EM GELA

AÇÃO dos paraquedistas norte-americanos na zona do Mediterrâneo representa o que há de mais acurado em preparação tática militar dessa nova e valiosa arma de guerra. Nas imediações da vila de Oudjda, no norte da África, por exemplo, a 82ª Divisão de Tropas Aéreas estabeleceu um perfeito campo de manobras, onde combates simulados foram realizados durante todo o mês de Junho, contra "pontos fortificados" em várias colinas, pontos esses previamente designados para dar o máximo de realidade aos exercícios práticos. Depois desse rigoroso treinamento ao ar livre, os soldados iam para as salas de aula, onde, sobre amplas mesas, encontravam perfeitas miniaturas do verdadeiro terreno em que iam combater. Nessas miniaturas estavam construídos, em perfeita escala, todos os acidentes de terreno a ser coberto pelo ataque — cursos de rios e riachos, montes, colinas e vales com a sua variedade de vegetação. Os soldados se esforçavam para reter na memória o maior número possível de detalhes essenciais ao bom êxito da ofensiva de efeitos tão decisivos.

Na noite de 8 de Julho, um "churrasco" regado a vinho, em Kairoaun, marcou o "encerramento das aulas." E, na madrugada do dia seguinte, ouviram a ordem do dia: "Será esta noite."

No correr do dia, estiveram todos ocupados no exame final de suas armas e seus para-quedas, recebendo também as últimas instruções para a missão. Naquela noite, eles iriam saltar de seus grandes aviões transportes e pousar, em plena escuridão, nas colinas situadas por trás da vila de Gela, na Sicília. Iriam se reunir antes do amanhecer e lançar o ataque contra as defesas da costa, pela retaguarda, afim de facilitar o desembarque das tropas do Sétimo Exército, sob o comando do general Patton. Ao mesmo tempo, ficariam a postos para qualquer contra-ataque feito pelas tropas da 15ª Divisão Mecanizada alemã, que constituía a reserva nazista, mantida no interior. Até o romper do dia, a luta seria com arma branca, porque as armas de fogo denunciariam as suas posições, além de haver o risco de atirarem contra os seus próprios companheiros. Ficou, pois, combinado que qualquer pessoa dividida na escuridão seria interpelada com a senha "Feros". Se a resposta não fosse "Levantar", o interpelante atacaria imediatamente a faca ou a coice d'arma.

Ao cair da tarde, a tropa estava pronta. Em dez aeródromos, situados em Sousse, em Kairouan e em Enfidaville, começaram os soldados paraquedistas e embarcar nos aviões transportes. Soprava um vento rijo, rijo de mais para poder se saltar bem de um avião, em para-quedas, mas a missão já estava designada e não podia ser adiada. Ao escurecer, o primeiro avião decolou. Dos dez aeródromos, os transportes entraram em formação exata, de maneira que as unidades de infantaria pudessem ser as primeiras a saltar, sendo seguidas pelas unidades de morteiros e de artilharia. No ponto de encontro designado, que era sobre a ilha de Kuriate, os aviões que até então iam em formações separadas, reuniram-se em colunas. Voaram a uma altitude de 60 metros apenas, seguindo em ziguezague, para não interromper a ação dos aviões aliados de combate que estavam atacando as defesas na Sicília e para evitar as patrulhas inimigas. De Kuriate, seguiram diretamente para Malta. Desta ilha, rumaram ao norte para deixar algumas tropas paraquedistas e depois seguiram ao longo da costa da Sicília até um ponto fronteiro a Gela, de onde prosseguiram diretamente para a ilha.

Aumentava a ansiedade. Havia um luar muito fraco, mas o vento soprava com uma velocidade horária de 60 quilômetros. Dentro dos aviões transportes,

a luz verde convencional dava o aviso no momento oportuno, prevenindo que o paraquedista tinha somente mais quatro minutos para saltar. Os soldados estavam a postos, prontos para a arriscada missão. Nas janelas podiam ver os reflexos das chamas que, em baixo, se projetavam em línguas de fogo, em consequência do bombardeio dos aviões aliados. À porta do avião, um coronel mantinha-se aguardando o seu sinal. Dentro de poucos minutos, aparecia a luz vermelha. O coronel saltou, sendo seguido de outros paraquedistas, que, em linha, aguardavam a sua vez. Em dez segundos, o avião ficou vazio.

Dos outros transportes, dezenas de paraquedistas se lançavam ao ar; muitos eram arrastados pelo vento para fóra dos pontos que tinham em mira; outros, ao chegarem à terra, nem sempre conseguiam evitar um acidente. Mas logo que pisavam em terra, procuravam os companheiros da sua própria unidade. Em pouco, estavam reunidos, aos dois, aos três e finalmente em esquadras. Às vezes, os para-quedas que traziam armas e munições serviam de ponto de atração. Em cada pacote de armamento, uma pequenina luz se mantinha acesa durante dez minutos. Depois disso, os pacotes destacavam-se na escuridão da noite, por meio de uma pequena fita luminosa.

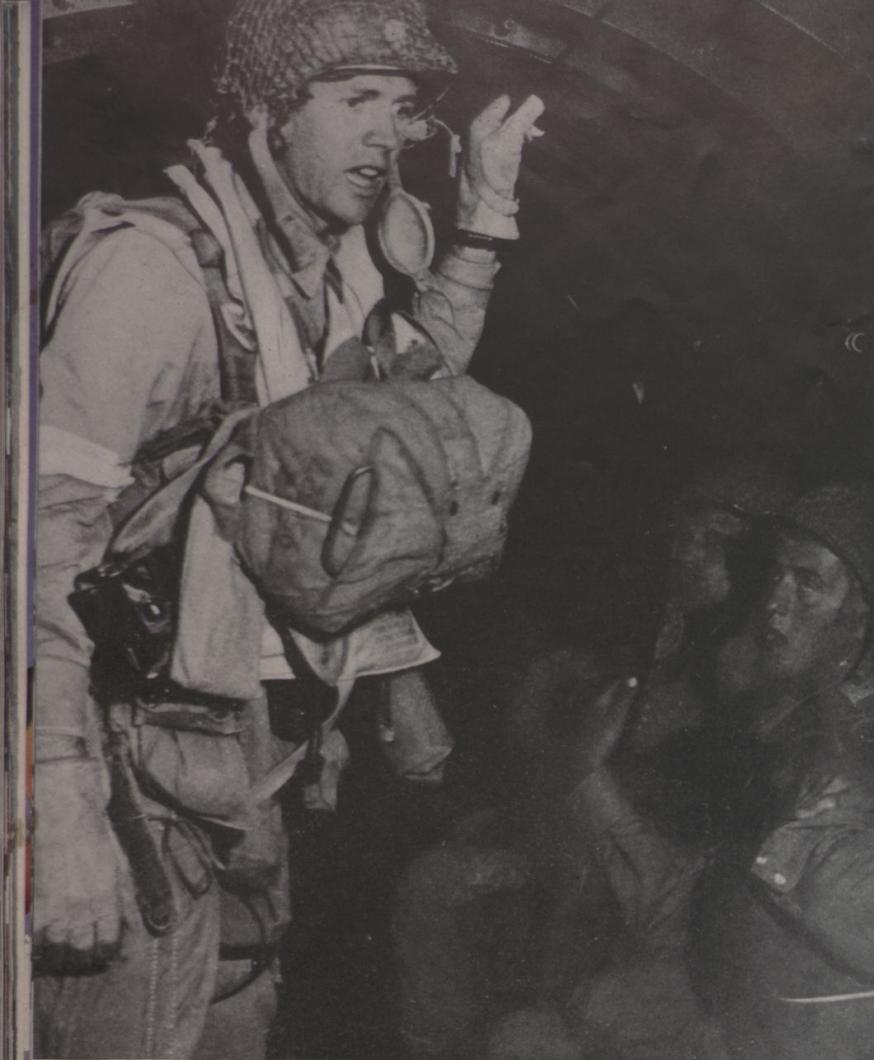
Os paraquedistas não tardaram em entrar em combate. Em vários acidentes do terreno, coberto de vegetação, onde o inimigo se acoutava, davam-se os recontros esperados. Mas os norte-americanos procuravam seguir o leito dos riachos e as estradas estreitas que iam dar ao ponto de encontro previamente designado, de acordo com a miniatura preparada. Quando surgia algum vulto que, na escuridão, não respondia à palavra de passe dos paraquedistas, uma afiada faca luzia, sem mais demora. O inimigo, armado de metralhadoras, rompia fogo sem preocupação de alvos. De ambos lados, caíam combatentes, mortos, feridos ou prisioneiros. Dois destacamentos de paraquedistas atingiram um ponto por de mais afastado dos seus objetivos, provavelmente por causa do vento, que teria desviado o curso dos transportes aéreos. Outros soldados encontraram carros tirados por jumentos e deles se serviram para chegar ao seu ponto de reunião. Ao clarear o dia, quando o Sétimo Exército estava coçando a efetuar o seu desembarque nas praias, os paraquedistas sustinham o inimigo, nas colinas adjacentes, sob intenso ataque.

Durante um dia de contínuo combate, capturaram e mantiveram várias posições a cavaleiro da estrada litorânea, de Gela a Vittorio, e interceptaram as estradas que comunicavam com o interior. No segundo dia, ocuparam duas elevações estratégicas ao longo da margem esquerda do rio Acate e ali se entrencharam. Pela frente, avançando para um formidável contra-ataque, estava a 15ª Divisão Mecanizada nazista. Na retaguarda, estava a primeira linha de defesa do inimigo, estabelecida em colinas ao longo do litoral. Nas praias distantes, as tropas norte-americanas desembarcavam com numerosos abastecimentos. E ao largo da costa, cruzadores e destróieres, com uma cortina de fogo dos seus canhões, garantiam a operação.

Os paraquedistas, com as suas próprias armas, poderiam varrer a bala as vias de aproximação do inimigo. Mas este, com seus tanques couraçados, armados com canhões de 88 mm., tinha incontestável superioridade. Os paraquedistas, entretanto, deixaram que os alemães se aproximassem o mais possível. E quando já estavam eles atirando quase à queima roupa, os canhões americanos, de 75 mm. entraram em ação, juntamente com outras armas, cujo efeito foi a derrota do inimigo. E assim foi lançada a grande ofensiva que iria abrir as portas da "Fortaleza da Europa",



Os paraquedistas estavam armados apenas com morteiros, "bazookas" (invenção americana) e canhões de 75mm. contra os canhões alemães de 88mm., de longo alcance, dos seus tanques couraçados. Não obstante, conseguiram enfrentar e derrotar o inimigo, destruindo-lhe 13 tanques. Em cima: um movimento envolvente na montanha. Em baixo: paraquedistas repousando nas proximidades da frente de batalha, em Gela, num intervalo



O Tenente-Coronel Charles W. Kouns, que foi um dos primeiros a saltar de para-quedas no assalto noturno, dá as últimas instruções antes de deixar o seu avião. Até o amanhecer os paraquedistas lutaram com arma branca, pois as armas de fogo divulgariam as suas posições. Na escuridão da noite, os paraquedistas usavam, entre si, a palavra de passe "Suspende", cuja resposta resposta era "Feros", para se congregarem





CARTAS PARA CASA

CARTAS, aos milhões, têm chegado das frentes de batalha. Contudo, quem as pudesse ler todas, pouco ficaria sabendo a respeito da própria guerra. O que essas cartas dizem, frequentemente com uma simplicidade de expressão que chega a ser uma arte, é o sentimento que anima aqueles que as escrevem, mesmo em face das mais pungentes aventuras.

A maior parte delas começa com um simples "Querida Mamãe". As mães constituem a maior preocupação dos soldados jovens. Mas há também muitos "Querido Papai" e "Minha Querida Mary" ou "Rose", significando o nome da esposa. Conforme for a pessoa destinatária, sabe-se logo qual é o tom da carta. Quando é escrita para "Querida Mamãe", o soldado escreve por alto, evitando referências aos riscos da guerra, dando ênfase a detalhes alheios ao seu verdadeiro mistério: "Ganhei sete quilos, como bastante e durmo muito. Meus companheiros são o que há de melhor. Tudo vai indo muito bem."

Ao pai, ele escreve num tom de homem a homem, tendo, contudo, cuidado em evitar qualquer referência aos perigos que possam causar ansiedade à sua família, porque bem sabe que sua mãe fará questão de ler a carta.

As cartas à esposa, à noiva ou simples namorada, se revestem, em geral, do mesmo estilo repassado de visões futuras, sem acentuar aventuras militares, propriamente. Há expressões de franca antecipação dos dias em que se reunirem novamente, sob uma atmosfera de paz e tranquilidade.

Há também outras cartas repassadas de bom humor. Um soldado chamado Jim escreveu a um "Caro Ef":

"Um dos nossos pilotos teve o seu avião abatido e salvou-se com o para-quedas. Quando chegou ao solo, não sabia o caminho. Comprou um camelo por 50 centavos e alugou um árabe por 25 centavos, para servir de guia. Começou a viagem de volta montado no camelo e o árabe guiando. Quando chegaram ao acampamento, dois dias depois, o piloto guiava e o árabe vinha montado no camelo. Confessou que montar um camelo é uma arte."

Aos "Queridos Pais", um soldado chamado Robert escreveu:

"Já lhes contei do azar que tive em Setembro, quando cheguei aqui? Perdi a minha carteira e só dei pela falta 175 quilômetros depois. Perdi todo o meu dinheiro e o retrato da minha pequena."

Muitos soldados não escondem a emoção causada por certas cenas de convívio militar. Em carta dirigida à esposa, diz "Doug":

"Assisti hoje aos funerais de um soldado francês. Ao passar o cortejo por uma estrada em que se arrastava, rebocado, um tanque americano, os soldados que o guarneciam, enegrecidos pela poeira e pela fumaça dos combates, perfilaram-se e fizeram continência à bandeira tricolor que envolvia o caixão. Foi uma cena que me emocionou até às lágrimas."

O soldado Karl escreve da África do norte. É uma missiva simples e simbólica da vida de campanha: "Aqui se cumpre rigorosamente o *blackout*. Os guardas dão três avisos. O primeiro é: "Apaga essa luz." O segundo, "Apaga essa luz, senão eu atiro." O terceiro . . . ouve-se um tiro. Já deve ter sabido que os soldados usam o capacete para uma porção de coisas. O meu tem servido para





(Continuação)

carregar frutas, ovos, água para lavar o rosto e até de cuia para tomar banho. Como tamborete para sentar é muito cômodo. Só espero que também sirva para me garantir a cabeça contra uma bala."

Conquanto estejam longe da pátria, em suas cartas se encontram considerações dignas de nota, a respeito de problemas que tanto nos interessam. "Bud", por exemplo, escreve à sua progenitora, dos confins do sul do Pacífico:

"Depois da guerra, vamos começar outra luta — a da reconstrução. Aí já estão fazendo alguma coisa a respeito? O pessoal aqui se preocupa muito com isso, e a opinião geral não é para se aniquilar as nações agressoras, mas para dominá-las de tal maneira que fiquem incapacitadas de tentar qualquer golpe novamente. A sra. ficaria admirada de ver o interesse que o soldado, em geral, tem no estabelecimento de um mundo melhor para todos."

Numerosas cartas escritas dos campos de batalha revelam idêntico interesse não somente pelo futuro da América, mas pelo seu presente. Demonstram que os soldados, mesmo em face da morte, pensam e se preocupam tanto quanto aqueles se que esforçam pela vitória, na frente interna.

Em via de regra há, na carta do soldado, ausência completa de reclamações contra os "ossos do ofício". A tendência natural é mais para acentuar as boas qualidades, por menores que sejam, do tratamento recebido ou do armamento usado. Há, sobre tudo, grande interesse em reconhecer o valor dos irmãos de armas. Um aviador naval, desaparecido desde a batalha de Midway, escreveu: "Se há alguma coisa grandiosa ou boa resultante desta guerra é o valor da mocidade da nossa terra. Rapazes que nunca se prepararam para a guerra, que nunca confiaram em guerras, estão agora revelando qualidades de coragem, de habilidade e de heroísmo que são de impressionar."

Um oficial comandante, da Marinha, que se assina "Espôso, pai e avô" e endereça sua carta ao "Querido pessoal de casa", descreve a luta durante uma operação de desembarque e enaltece a eficiência das forças aliadas. E continua:

"Mas o reverso da medalha é pezaroso. Uma bomba ou um torpedo atinge as nossas forças e vemos amigos cair, ou navios, que já estavam acostumados a ver durante meses, serem envolvidos pelas chamas e adornarem completamente. Não obstante, continuamos a nossa tarefa, tratando de receber os feridos ou de socorrer os sobreviventes. Quero que se divirtam agora nas festas do Natal e Ano Bom, pois isso me dará muita satisfação. Têm mais razão do que supõem, para estarem contentes este ano."

Um capelão, escrevendo de uma ilha no Pacífico, "onde o sol brilha todos os dias e o calor é terrível," assim se dirige à sua família:

"Os nossos serviços religiosos aqui são tão impressionantes pela sua simplicidade e pela íntima comunhão de sentimentos que, cada vez mais, fortalecem a minha fé em Deus. Fico, às vezes, a meditar se a nossa gente aí, que costuma ir a igrejas suntuosas tem essa sensação de proximidade a Deus que caracteriza aqui a nossa devoção. Eu quisera poder enviar com esta carta um pouco do espírito que predomina na nossa pequenina capela num recanto de palmeiras."

Um jovem fuzileiro naval escreve da ilha de Guadalcanal a seus "Queridos Páís": "Estou agora sentado à beira de uma toca, que, nesta zona, é a melhor trincheira. Escrevo como posso, com o papel em cima do meu estojo de pratos e talheres. Ontem à noite tive que me valer da minha ração de emergência, porque já não comia havia 24 horas. Estava muito ocupado dando cabo de japoneses. Meu companheiro e eu fizemos uma fogueirinha dentro do buraco para fazer café. Mas quando já estávamos prontos para saboreá-lo, estourou o tiroteio por todos os lados. Uma bala caiu rente de nós, cobriu-nos de lama e entornou o café. Depois da refrega, quase choramos por termos ficado sem o café."

Este mesmo soldado também escreveu noutra missiva: "O exército está nos ajudando bastante aqui. No dia em que as tropas chegaram, prevenimos a todos que, ao primeiro sinal de alarma, deviam correr para o esconderijo mais próximo e ficar lá até o sinal de *costa limpa*. Quando eles menos esperavam, um dos nossos dava o alarma e nós ficávamos escondidos, vendo-os correr, em procura de abrigo. Assim que se metiam nos buracos, nós iam às barracas deles e nos abastecíamos de cigarros e bombons, à vontade. Esta é a maneira de iniciar os *calouros*."

Mais de 150 milhões de microfílmicos contendo cartas de soldados têm sido enviadas para todas as frentes de batalha, sem ter se extraviado nenhuma. Este fato ilustra a importância que as autoridades navais e militares dão ao serviço de correspondência dos combatentes.

As cartas tem um grande valor moral, porque mantêm o soldado animado, certo de que, apesar das distâncias, ele se encontra em constante contato com aqueles que lhe são caros. Um capelão, em carta que escreveu para amigos, concitava a todos a escrever sempre e frequentemente, e acentuava que "não havia nada na vida de um soldado, que uma carta de casa não fosse capaz de curar."

Há milhares de casos em que uma esposa, mãe ou noiva não deixa de escrever todos os dias. E há também soldados que não perdem a menor ocasião que lhes permita escrever uma carta. É sabido que, para um soldado, não há maior pesar do que assistir à distribuição da correspondência e verificar que, dentre todos os seus companheiros, ele foi o único que não recebeu nem um simples cartão postal. Há como que uma sensação de isolamento tão profundo que é difícil definir com palavras. Uma carta, em tais circunstâncias, é um raio de esperança, um conforto e um estímulo; é, muitas vezes, a própria essência da razão que anima um soldado a continuar inquebrantável na sua grandiosa missão, porque ele sabe que não está sendo esquecido.

Na missiva de um simples soldado, em Guadalcanal, há esta passagem cheia de ensinamento:

"Mamãe, quando papai começar a insistir que vá voltar para o exército, diga-lhe para ficar lavrando a terra, para termos o que comer. Eu e outros milhões de rapazes ganharemos a guerra para o Tio Sam."

Este é o ânimo forte que caracteriza a correspondência dos combatentes, quando escrevem para casa. Nela se observa, acima de tudo, o valor moral de verdadeiros soldados.



Tal como muitas esposas cujos maridos estão nas frentes de batalha, a Sra. Ray Perry sente-se imensamente feliz quando recebe uma carta do seu marido, Bill, que se alistou na Marinha logo depois que os Estados Unidos entraram na guerra. Ela, que antes trabalhava como modelo, está agora trabalhando durante a noite numa fábrica de aviões

AS FRENTES DE BATALHA

ESTAS fotografias foram colhidas quando as forças aliadas iniciavam a avançada em várias frentes. Tropas anfíbias, partindo da Sicília, iam expulsar os alemães do sul da Itália; os russos recapturavam aos alemães uma área maior do que o território da própria Alemanha, e os japoneses cediam ao vigor dos ataques dos aliados no Pacífico.

Cada uma dessas avançadas foi determinada por vários fatores — o potencial de fogo, os transportes marítimos, os abastecimentos e a indispensável cobertura aérea. Os ataques tinham que ser feitos somente depois que os aliados contassem com uma superioridade de elementos de combate capazes de levar de vencida o inimigo. Nas bases avançadas achavam-se, no momento oportuno, todos os navios para o transporte de tropas e de abastecimentos e também os aviões que iriam protegê-los na ofensiva.

Para o ataque contra Salerno foi preciso esperar que muitos dos transportes, antes avariados ao largo da Sicília, voltassem à África, para serem reparados e carregados novamente com tropas e material bélico. O ponto para o ataque foi escolhido de tal maneira que foi fácil conseguir pronto socorro de aviões de todos os tipos. Alguns dos pilotos, percorrendo uma distância de mais de 250 quilômetros, procedentes da Sicília, tinham 15 minutos apenas para agir sobre seus objetivos em Salerno, antes que se esgotasse o combustível necessário para o regresso às suas bases.

Estas fotografias, mostrando o transporte das tropas invasoras, as matas das ilhas do Pacífico, as praias da Itália sob o fogo da artilharia, e as longas filas de prisioneiros alemães, foram colhidas quando os aliados, depois de terem refeito suas linhas de defesa, avançaram em todas as frentes.

Antes de ser levado a efeito cada ataque, foram estudados detalhadamente os possíveis efeitos que os mesmos iriam causar nos demais setores da guerra. A invasão da Itália foi realizada quando os alemães enfrentavam tremendas dificuldades na Rússia. E a ação no Pacífico foi iniciada com a vantagem de poderem os aliados dispor de numerosos navios de guerra que, antes, tinham que ficar só no Mediterrâneo.



Transportes de tropas invasoras, como este, levam grandes quantidades de combatentes e de material bélico para os pontos de ataque. A prôa é dotada de enormes portas, por onde desembarcam rapidamente as forças atacantes. Em baixo: marinheiros americanos durante o ataque contra Paesternum, ao sul de Salerno, estiram-se na areia enquanto os bombardeiros nazistas atacam. Ao fundo: o efeito da explosão de uma bomba



O Tenente-General Mark W. Clark desembarca em Salerno, comandando o Quinto Exército dos EE. UU. na memorável invasão da Itália, levando de vencida os alemães



Os alemães atacaram em Salerno quando as forças americanas estavam a "meio do caminho", no seu desembarque. Mas os invasores continuaram avançando



Uma vez firmado o seu ponto de apóio em Salerno, o Quinto Exército dos Estados Unidos já prosseguiu na sua marcha vitoriosa até além de Napoles, apesar da tremenda resistência oposta pelos alemães que, em desespero de causa, saquearam a cidade



Prisioneiros alemães capturados pelos russos, em Tanganrog. Em sua formidável ofensiva do verão, os russos libertaram milhares de vilas que tinham sido ocupadas pelos alemães durante dois anos de guerra e continuam avançando em toda a frente



Tropas norte-americanas fazendo uma carga contra a praia, na estratégica ilha de Rendova, situada perto da base japonesa de Munda, na ilha de Nova Georgia

Tropas paraquedistas dos E.E.U.U. atacam o vale de Markham, para cortar a retirada dos japoneses do setor de Lae-Salamaua, na Nova Guiné. Os aviões marcados por um círculo já deixaram suas tropas e três outros, vindo pela direita, por trás da cortina de fumaça, estão se preparando para fazer o mesmo. Vê-se à direita três americanos mortos





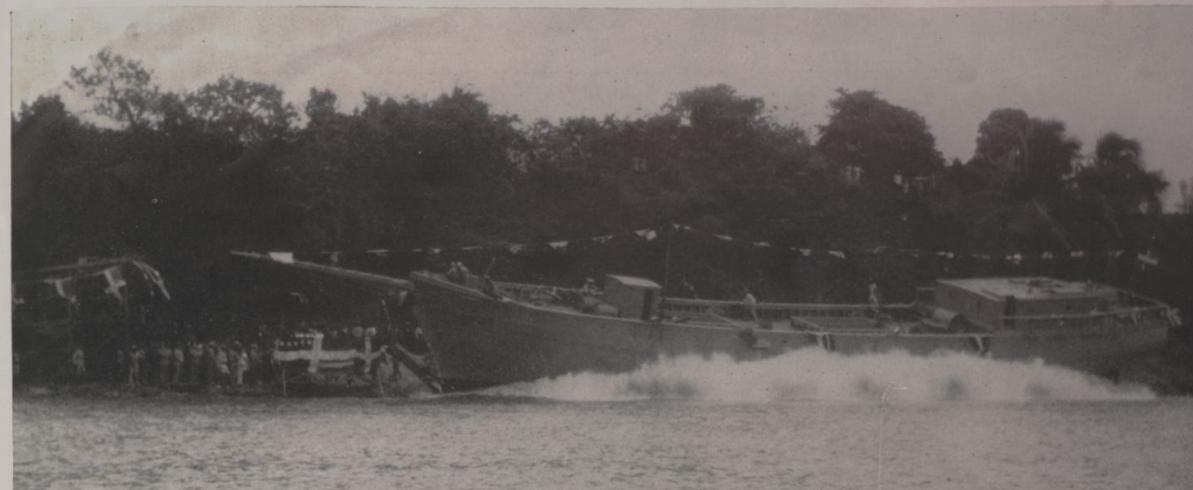
O Presidente Rafael Leonidas Trujillo Molina. Em baixo, o Parque de Ramfis, recreio infantil, na Ciudad Trujillo, é um exemplo do desenvolvimento de obras públicas na capital. A cidade foi reconstruída depois do ciclone de 1930. Modernas rodovias e facilidades portuárias intensificam o comércio de exportação de numerosos produtos agrários para os mercados situados na região do Mar das Antilhas.

REPÚBLICA DOMINICANA

SOB o pavilhão encarnado, branco e azul, da República Dominicana, novos veleiros estão singrando as águas do Mar das Antilhas. Nos porões levam um carregamento variado — cereais, galinhas, manteiga e ovos, das fazendas situadas entre as colinas dominicanas cobertas de pinheiros, e carne procedente dos novos frigoríficos instalados na Ciudad Trujillo. A construção dos navios veleiros e suas viagens aos países vizinhos são uma parte do esforço da república a bem da vitória.

A República Dominicana foi uma das primeiras nações da América a entrar na guerra e uma das primeiras a sofrer perdas no mar. Durante as primeiras semanas das hostilidades, os submarinos inimigos afundaram os melhores navios da frota mercante dominicana: os paquetes *Presidente Trujillo*, *San Rafael* e *Kinkora*, e três grandes veleiros. Alimentos que eram produzidos na república estavam faltando prementemente nas Ilhas Virgens e em Porto Rico e era muito difícil para as outras Nações Unidas dispôr de navios para atender ao seu transporte. Por isso, o governo dominicano tomou providências para estimular a produção de alimentos e deu início à construção de navios à vela para solucionar o problema. Vários navios desse tipo estão agora fazendo viagens regulares para Porto Rico e para as Ilhas Virgens. Tódo o excesso da produção agrária do país está indo aliviar a escassez dos produtos nos centros consumidores vizinhos.

O solo e o clima da república são dos melhores. No seu território há lagos de água salgada situados abaixo do nível do mar, e altaneiras montanhas — a cordilheira Central, que atravessa o país, do sudeste ao nordeste, com alguns picos de mais de 3.000 metros de altura; a cordilheira Setentrional, com picos de 1.220 metros, e a serra de Bahoruco, ao sul, com pontos que se elevam de 1.300 a 1.450 metros. Os rios nessa região atravessam terras férteis. Dois dos maiores, o Yaque del Norte e o Yuna, passam por um grande vale que Cristóvão Colombo denominou "Vale de la Vega Real", por ocasião da sua primeira viagem ao interior da ilha. Hoje, nas terras baixas dominicanas há milhares de



O lançamento ao mar de um dos numerosos navios veleiros construídos pela República Dominicana para solver o sério problema dos transportes marítimos

Uma plantação de arroz. O governo está fomentando a produção de arroz, milho, feijão e de produtos laticínios, para aliviar a escassez nos países vizinhos



O obelisco da Ave. George Washington, comemorando a mudança do nome da capital, de Santo Domingo, para Ciudad Trujillo





A Catedral da Ciudad Trujillo—uma das mais antigas edificações nas Américas—iniciada em 1512 em ação de graças pelas descobertas de Cristóvão Colombo. Em baixo: o Exército dominicano também dispõe de velozes carros de reconhecimento, além de outras peças de moderno equipamento motorizado



(Continuação)

plantações cultivadas por meio milhão de pessoas — mais de 25 por cento da população do país. A cana de açúcar é a cultura principal, vindo a seguir o cacau e o café. O governo está dando execução a um bem elaborado programa de expansão agrária e pecuária. A indústria de laticínios está tomando grande incremento e a produção de arroz, de milho, de feijões e de legumes em geral encontra-se consideravelmente aumentada.

Uma das áreas mais sandáveis é a de Sosua, na costa ao norte. Da Europa vieram mais de 500 refugiados para trabalhar ali, tendo sido organizada uma colônia em 65.000 acres de terras doadas pelo Presidente Trujillo. A colônia foi criada pela Comissão Internacional de proteção aos refugiados, da qual participaram 32 nações. Na República Dominicana os trabalhos estão sob a direção da Associação Dominicana de Colonização. Depois de romper a guerra, numerosos têm sido os refugiados que, dispoendo de conhecimentos de agricultura, estão desenvolvendo a cultura das terras dominicanas e trabalhando na pecuária, aumentando o total dos produtos exportados da próspera república insular.

Graças à construção de portos, feita anteriormente à guerra, o movimento de exportação, que compreende grandes e constantes embarques, têm sido feito sem dificuldades. O porto da Ciudad Trujillo, há poucos anos, passou por consideráveis reformas, com a construção de novas docas e de um quebra-mar de aço e concreto que se estende até as águas do Mar das Antilhas. Quanto ao tráfego de mercadorias do interior do país, as novas rodovias, acabadas segundo os métodos mais modernos, estão satisfazendo todas as necessidades do momento. O porto e a própria cidade, apresentam um aspecto mixto de construção novas e antigas, num contraste que denota a febre de renovação local. Ao lado de algumas estruturas que datam dos tempos da descoberta da ilha, há moderníssimos edifícios, erigidos depois do tremendo ciclone de 1930.

A cidade de Santo Domingo, agora Ciudad Trujillo, fundada por Bartolomeu Colombo, irmão do descobridor, em 1496, é o local do primeira colonização europeia estabelecida no continente americano. Algumas das edificações da velha cidade estão em ruínas; outras, inclusive a Catedral de Santo Domingo, que data de 1512, ainda permanece como uma relíquia do grande passado. Foi no solo da República Dominicana que se celebrou a primeira missa no Novo Mundo e se estabeleceu o primeiro governo europeu. A Universidade de Santo Domingo é uma das mais antigas do nosso Hemisfério.

As tradições marítimas dominicanas remontam a quatro séculos. De Santo Domingo, Hermano Cortez partiu para o México; Juan Ponce de Leon seguiu para Porto Rico, Juan de Esquivel foi para a Jamaica, Francisco Pizarro, para o Perú, e Vasco Nunez de Balboa foi descobrir o Pacífico.



Uma plantação de feijão soja, de grande consumo na alimentação do gado. A pecuária é uma das grandes indústrias locais



No litoral de Sosua, onde 500 refugiados políticos da Europa encetaram vida nova numa colônia estabelecida pelo governo da República Dominicana



Este moderno canal de irrigação, na Província de Santiago, favorece a muitas plantações na vasta região de "La Herradura"



O novo hospital para tuberculosos, na Ciudad Trujillo, inaugurado o ano passado. É um exemplo do constante interesse demonstrado pelo governo da república a bem da solução dos problemas de saúde pública

A ÉPOCA

DESDE o início do plantio até a época da colheita, o homem do campo, o lavrador, está sempre preocupado com as condições do tempo. Observa constantemente as nuvens, e, como que sente a menor variação dos ventos, discute sobre as possibilidades das chuvas e acompanha, com vivo interesse, os seus menores prenúncios. E quando cái uma chuva necessária, mostra-se jovial e satisfeito; mas quando o tempo corre muito seco, fica triste e preocupado. Seu intenso interesse nas condições do tempo estranha, às vezes, o morador da cidade. Este vái para o seu trabalho quer chova ou faça sol, e o tempo, na cidade, é mais uma questão de conforto ou de desconforto. O cidadão tem outras preocupações, inteiramente diferentes.

O lavrador, entretanto, continua a falar do tempo. Sua vida cotidiana, o bem estar da sua família, suas esperanças mudam com as condições atmosféricas. Uma chuva pode significar a diferença entre um ano próspero e um ano de crise. Uma seca pode pôr a perder o trabalho de semanas inteiras.

Este ano, o tempo, nos Estados Unidos não foi nem muito bom, nem muito mau para a lavoura. Em algumas partes não choveu bastante, noutras choveram de mais. Numa área do interior do país, que se estende do sudoeste de Oklahoma até o centro de Michigan, houve chuvas persistentes durante a época do plantio. Esta área, que compreende 45 milhões de hectares, corresponde a uma quarta parte das terras cultivadas do país.

As chuvas retardaram o crescimento da plantação. Os agricultores não podiam trabalhar no campo ou, se já tivessem feito o plantio, o solo estava úmido de mais para a germinação das sementes. Em alguns casos foi preciso replantar o milho, que é a principal lavoura da região. Noutros pontos, as chuvas foram tão prolongadas que retardaram o plantio do milho, sendo necessário plantar, em seu lugar, legumes e vegetais. Os rios transbordaram, inundando 1.500.000 hectares de terras cultivadas.

Enquanto essas chuvas demasiadas estavam prejudicando a grande zona agrícola do centro-oeste, os agricultores da parte oeste dos Estados Unidos gozavam de um tempo magnífico. As chuvas estavam sendo espaçadas, entre dias de sol proveitoso. O solo permanecia umedeado, numa camada de poucos centímetros abaixo da superfície, e as sementes brotavam com vigor, antecipando uma boa safra. O lavrador estava satisfeito.

Durante a temporada do crescimento, entretanto, o este sofreu uma prolongada seca e o tempo melhorou no centro-oeste. Ali, o milho que tinha sido replantado duas ou três vezes e já estava retardado quatro semanas, pôde se refazer e amadurecer, graças ao bom tempo do verão.

A seca no este continuou. Nas proximidades de Washington, a capital da República, este verão foi o mais seco nos últimos 90 anos. A princípio, os vegetais cresceram bem, mas depois começaram a mostrar os efeitos da seca que se estendeu para o norte, ao longo da zona do este, até Pensilvânia e Nova York. A safra de todos os vegetais, com exceção de cenouras e vagens, foi das piores, até para as culturas hortensias em numerosos quintas, onde tantas famílias tinham dedicado especial interesse às suas Hortas da Vitória.

Em geral, no país todo, o tempo da safra foi mau. Há mais de uma geração que o rendimento por hectare tinha subido rapidamente, mas a quantidade de hectares cultivados diminuiu e o número de agricultores declinou. O milho híbrido, que, às



Elevadores onde os cereais são conservados. Em baixo: nas grandes plantações de trigo do noroeste dos Estados Unidos é necessária a mão de obra vinda de fóra, para ajudar na colheita. Estes agricultores moram a mais de mil quilômetros ao sul dos trigais, mas vão fazer a colheita no norte. Depois de trabalhar durante três semanas nos trigais, voltam para cuidar das suas próprias safras do algodão e do arroz. Nos trens, seguem 1.100 lavradores



Colher batatas é trabalho estranho para estes homens—da Marinha de guerra dos Estados Unidos. Centenas de marinheiros têm ajudado na colheita de batata



Há muito que fazer, para jovens operárias, nas fábricas de conservas. Aqui estão elas separando os vegetais de acordo com a espécie, o tamanho e a qualidade



Numerosos trabalhadores mexicanos se ofereceram para ajudar na colheita na lavoura dos Estados Unidos. Estes, que vieram de acordo com o governo, estão colhendo beterraba



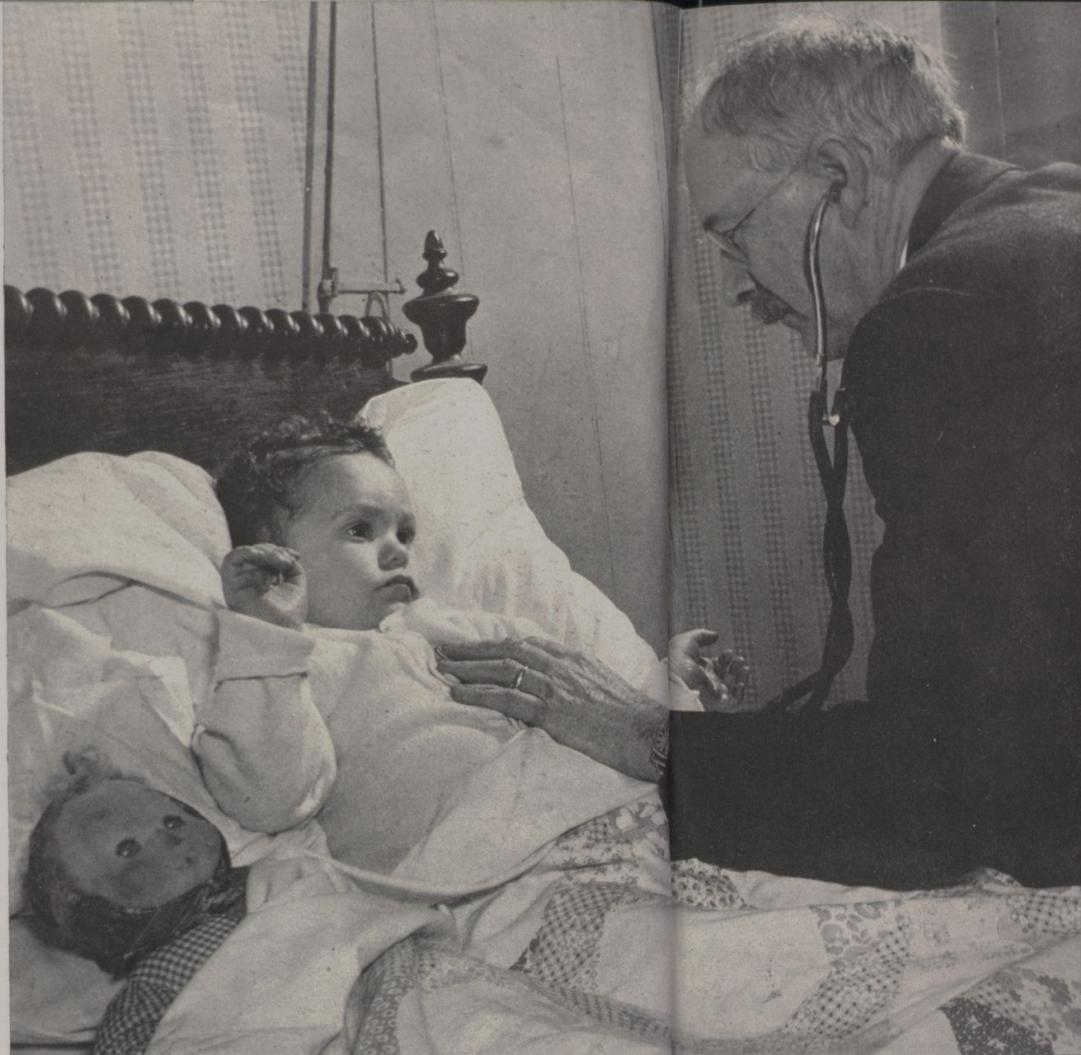
O Dr. Nathaniel Preston Brooks visita os enfermos mesmo às altas horas da noite. Apesar do racionamento, os médicos recebem, para usos profissionais, mais gasolina do que os simples motoristas particulares em todos os Estados Unidos



Seja qual for a hora do seu regresso à casa, de noite, o dedicado facultativo sempre encontra sua esposa atenta, para preparar-lhe uma chicara de café



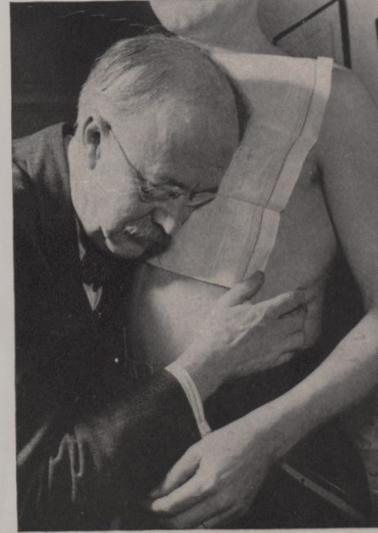
Durante a noite, o Dr. Brooks comparece para prestar qualquer serviço na Cruz Vermelha local. Seus antepassados lutaram na guerra da Independência e na guerra de Secessão. Seu pai foi médico do Exército das forças da União



O Dr. Brooks, às vezes, faz viagens de até 25 quilômetros para atender a alguma criança à sua proficiência profissional e à consideração que ele dispensa à enferma, em estado grave. Seus longos anos de clínica têm-lhe grangeado uma estima geral, graças a todos, sem distinção de posição social, em vasta área



Em tempo de guerra, o Dr. Brooks está sempre a postos para socorrer também as vítimas de acidentes, ajudando assim o serviço público de pronto socorro. Durante a última guerra ele prestou serviços médicos numa das ambulâncias do Exército inglês no período mais crítico



Seus meritorios serviços também se estendem à Junta de Alistamento Militar, onde, uma noite por semana, se encarrega de examinar os novos conscritos para o Exército

MÉDICO DA ROÇA

SUAS OBRIGAÇÕES SE MULTIPLICARAM COM A GUERRA

DESDE o começo da guerra que o trabalho dos médicos tem aumentado extraordinariamente nos Estados Unidos. Nas forças armadas estão servindo atualmente 53.000 médicos, e os que restam são forçados, pelas circunstâncias, a atender ao trabalho que compete aos seus colegas, antes de deixarem suas respectivas clínicas.

Nas pequenas localidades se acentua mais essa carência de médicos. Na villa de Croton, no Estado de Nova York, por exemplo, restam três facultativos apenas. Um deles é o Dr. Nathaniel P. Brooks, que, apesar de ter oferecido seus serviços profissionais ao Exército, não foi aceito por causa da sua avançada idade.

"Na guerra não há glória alguma para um médico militar," diz o Dr. Brooks. "É somente sangue e mais sangue. Mas o trabalho é importante e algem tem que se encarregar dele. Fiz isso durante a guerra passada e quis fazer o mesmo agora."

Não obstante, o Dr. Brooks compreende que, contribuindo para manter a boa saúde da população civil, ele presta um inestimável serviço à sua pátria. De um modo geral, o estado sanitário está sendo durante esta guerra melhor do que foi durante a anterior. A mortalidade anual atualmente é de 10,3 pessoas por mil habitantes, cifra que é a mais baixa nos registros da estatística sanitária do país. A média da natalidade está sendo de 20,7 por mil habitantes, por ano, o que significa que, pela primeira vez, no decorrer de uma geração, a média percentual da natalidade é o dobro da média da mortalidade.

O Dr. Brooks está com a sua atividade completamente mobilizada para atender aos serviços extraordinários impostos pela guerra. No seu quarto de dormir há um telefone sempre ao alcance. Frequentemente, é ele chamado a altas horas da noite. Quanto isso se dá, responde imediatamente e prepara-se para a sua missão.

Vai à cozinha, põe o café para aquecer, lava o rosto, veste-se, toma o café e vai à sua garage, situada no terreno da sua casa. Toma o automóvel e segue pela estrada escura.

O chamado pode ter sido para atender a algum enfermo residente na própria vila ou em alguma plantação distante. Neste caso, às vezes, o médico tem que fazer um percurso de 25 ou 30 quilômetros, frequentemente por estradas laterais, escuras e acidentadas. Mas, em geral, o prestimoso facultativo não tarda mais de uma hora a chegar ao seu destino, mesmo nos lugares mais afastados.

A natureza do chamado varia muito, mas o Dr. Brooks tem longa prática dessa clínica geral e enfrenta todos os casos com a mesma solicitude e interesse. Pode ser um parto, ou uma criança em convulsões, com conqueluche, ou um caso de pneumonia. Às vezes é uma apendicite, a exigir a remoção do doente para o hospital, com toda urgência. O médico faz o que lhe possível, aplicando sedativos, mas ao mesmo tempo toma todas as providências para o internamento do enfermo. Seja qual for o caso em apreço, ele permanece à cabeceira do cliente enquanto seus serviços forem necessários. Volta, depois, para casa e vai dormir novamente.

Cedo, já está de pé, atendendo aos seus afazeres da manhã. Toma café e vai para o consultório, onde, frequentemente, já tem clientes à espera. Na grande maioria, são velhos conhecidos. Trata a todos familiarmente e todos não escondem a confiança que o velho profissional lhes inspira. Seja um caso de simples resfriado, uma dor de garganta, uma dor de ouvidos, ou qualquer outra doença que requiera a sua atenção, o Dr. Brooks sempre encontra tempo suficiente para fazer um exame metucioso e dar os conselhos necessários.

Além da sua própria clínica, também há o serviço médico-escolar do qual ele se encarrega, em determinado dia da semana, na escola pública.



Em seu consultório, cercado de recordações da guerra passada, o Dr. Brooks continua a sentir-se muito perto das frentes de batalha. Seu capacete, uma pistola e dois cantis, um francês, outro alemão, contrastam com os diplomas de seu pai e de seu avô. A fotografia mais visível é de sua filha, que também está estudando medicina



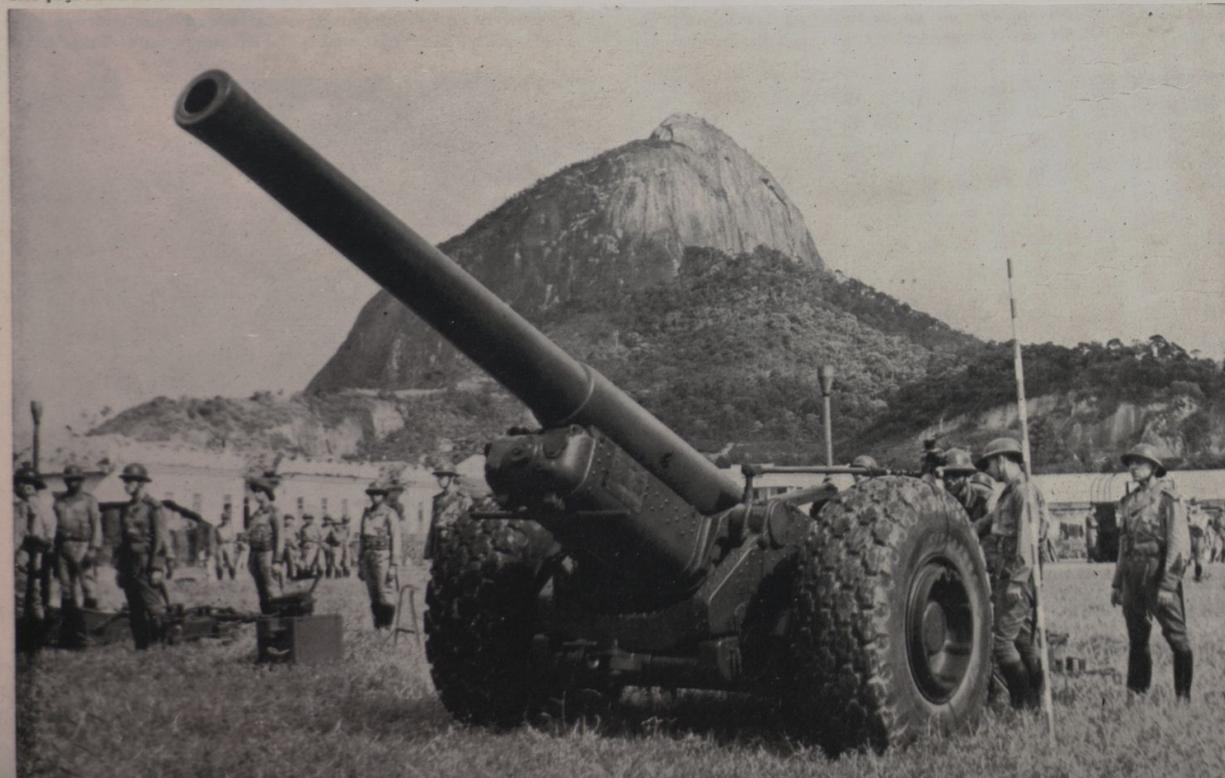
Um oficial de artilharia de costa dirigindo o exercício de tiro de metralhadoras. O Exército brasileiro tem garantido uma das áreas vitais do Hemisfério

O EXÉRCITO BRASILEIRO

Ao fazer a expansão dos seus efetivos, de tempo de paz para tempo de guerra, o Exército Brasileiro tem aproveitado os mais recentes ensinamentos colhidos por outros exércitos nas frentes de batalha, suplementando assim o constante aperfeiçoamento que tem sido, tradicionalmente, a preocupação dos seus dirigentes. A tática desenvolvida nas batalhas da Tunísia, da Sicília, da Itália e até na longínqua Nova Guiné está sendo, em suas pro-

veitosas aplicações, incluída no treinamento de campanha da tropa. Os oficiais, quer sejam os oriundos da Escola Militar do Realengo ou dos Centros de Preparação de Oficiais da Reserva, têm emulado o espírito realizador de Duque de Caxias, que, há 122 anos, foi um produto do ensino militar no Brasil. O Exército hoje conta com numerosos oficiais preparados nos cursos eficientes da reserva. Durante os meses da sua rápida expansão, o

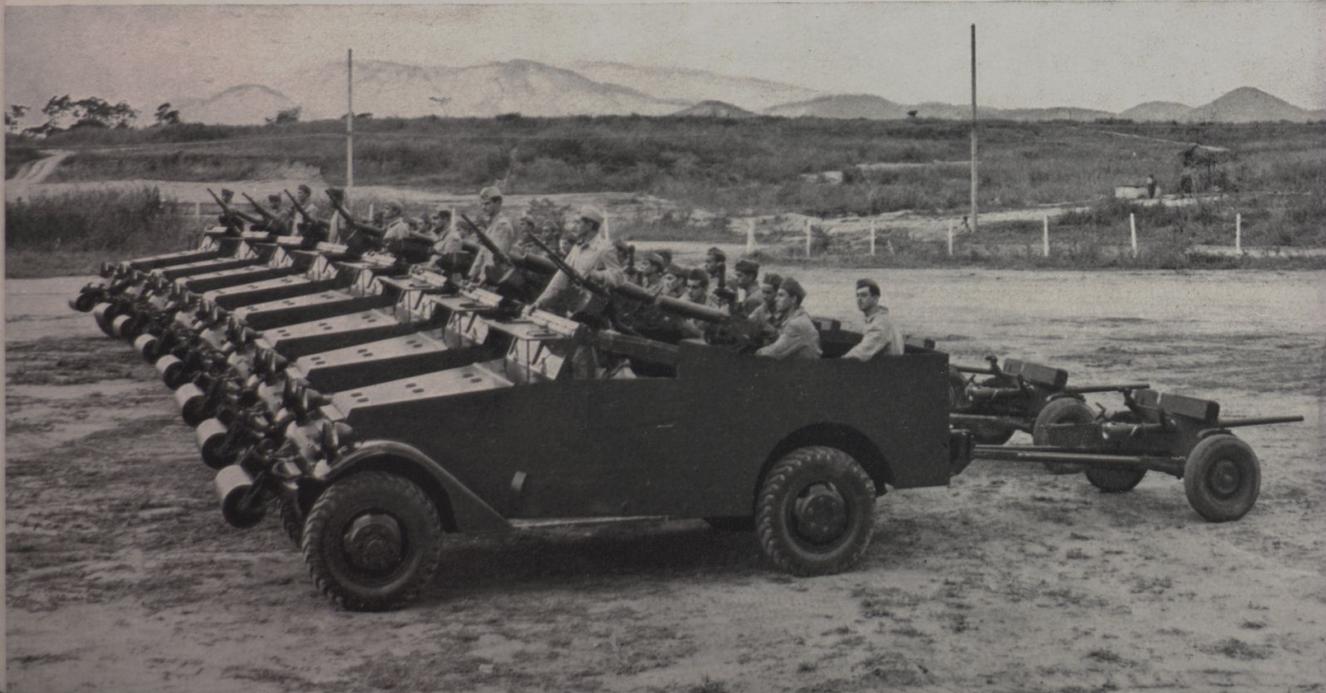
Uma peça móvel de 152mm. da defesa da costa. Na expansão dos seus efetivos, o Exército brasileiro tem aproveitado muito os ensinamentos da guerra moderna





Uma bateria anti-aérea durante uma parada no Rio de Janeiro. O Brasil tornou-se um ponte vital da ligação aérea entre a América do Norte e a costa d'África

Veículos motorizados e canhões são partes integrantes na guerra moderna. Aqui vemos alguns déles, com peças anti-aéreas, na Escola de Moto-Mecanização, no Rio



(Continuação)

Exército brasileiro muito contribuiu para o potencial militar das Nações Unidas. A presença de uma respeitável força defensiva em território brasileiro garantiu as bases estratégicas de onde as unidades navais, brasileiras e norte-americanas, combateram, logo de início, a ameaça dos submarinos nas águas atlânticas do sul. As baterias do Exército brasileiro, defendendo os aeródromos locais, deram ao Brasil a primazia de uma estratégica ligação aérea entre a América do Norte e a África. Ao longo de 6.000 quilômetros da costa brasileira, as tropas permaneceram a postos para enfrentar o inimigo, enquanto se acentuava a possibilidade de um ataque a qualquer momento.

No desenvolvimento de seu poder combativo tem havido uma íntima cooperação entre o Exército brasileiro e o dos Estados Unidos. Oficiais brasileiros têm visitado os Estados Unidos, percorrendo campos de provas e arsenais de guerra interessados na seleção de armas e de ensinamentos mais aplicáveis às necessidades militares de sua pátria. Dessarte, têm podido, em grande parte, evitar os desastros naturais verificados durante os primeiros tempos da grande expansão do Exército dos Estados Unidos. Em muitos aspectos, os problemas de defesa dos dois países são similares. Ambos têm uma vasta costa a proteger; ambos enfrentam a mesma situação causada pelas depredações da guerra submarina. O Brasil, naturalmente, está situado no ponto mais vulnerável, por se achar fronteiro na parte mais estreita do oceano. Agora, entretanto, o perigo de um ataque através do Atlântico já foi evitado, e o Presidente Roosevelt e o Presidente Vargas foram acordes em assegurar que a costa da África Ocidental e a de Dakar nunca mais servirão para bloquear ou ameaçar as duas Américas.

Hoje, o Exército brasileiro tem um efetivo quatro vezes mais numeroso do que quando foi declarada a guerra. Dispõe de novos hospitais, de novos quartéis e de escolas de preparação técnica. Novas fábricas de cartuchos e de armas pequenas estão em pleno funcionamento. Dos Estados Unidos lhe são enviados grandes peças de artilharia, tanques e equipamento motorizado. O Exército está pronto para qualquer eventualidade nesta hora decisiva para o mundo.



No curso de oito a dez meses, da Escola de Moto-Mecanização do Exército, os soldados se familiarizam com todos os tipos de armas modernas. Com estes tanques ligeiros, o Exército pode concentrar, rapidamente, o fôgo da sua artilharia contra pontos determinados. Em baixo: inspeção no alojamento de um dos modernos quartéis do Exército



Cadetes operando um rádio de campanha. A Escola Militar e os cursos da reserva fornecem os oficiais



FÔRÇA ELÉTRICA PARA A GUERRA

A QUINTA parte do território dos Estados Unidos tem suas águas drenadas por três grandes rios — o Colorado, o Columbia e o Sacramento. Através dos séculos, o curso destes rios tem produzido profundos sulcos, formando ribanceiras que, em alguns pontos, atingem centenas de metros de altura, de ambos lados.

A possibilidade de obter tais represas, que serviriam para acumular enorme massa d'água numa área de centenas de quilômetros, transformada em lagos artificiais, despertou tanto interesse que o governo resolveu tratar da elaboração de projetos para a construção de algumas represas em vários pontos. Várias razões justificavam essas medidas. As represas serviriam como reservatório d'água, quando os

rios estivessem correndo em plena enchente, evitando assim que fossem inundar as regiões mais além. A água acumulada poderia ser depois desimpedida, para correr naturalmente. Parte dela poderia se prestar para irrigar vastas terras áridas no próprio oeste, ou para abastecer grandes cidades. Além disso, a água que escoasse das represas, pelas respectivas comportas, iria ter grande aplicação industrial, movimentando enormes geradores de força elétrica destinada às fábricas e habitações, favorecendo uma vasta zona produtiva. A sua construção foi, pois, iniciada sob os melhores auspícios, e o país conta agora com as três grandes represas — a do Grand Coulee, no rio Columbia, a de Shasta, no rio Sacramento, a de

Boulder, no rio Colorado, prestando bons serviços. Incluindo as pequenas represas, o governo está administrando 165, cuja superfície de irrigação atinge 1.500.000 hectares de terras. Um milhão de almas está habitando esta área irrigada, que, sem tal vantagem, seria improdutivo. Nem todas as represas fornecem força hidráulica, mas, até agora, o governo dispõe de 28 usinas em funcionamento, e a energia elétrica que elas produzem está mantendo ativa grande parte da colossal indústria bélica norte-americana. Por meio de comportas, muitas dessas represas recebem navios que estendem a sua navegação por amplas vias fluviais situadas no interior do país, evitando a demora das baldeações. A represa de Boulder foi a primeira a ser ter-

minada. Túneis provisórios foram cavados através das ribanceiras para desviar do seu leito o curso do rio Colorado. Depois, durante cinco anos, 5.000 operários estiveram trabalhando numa área de menos de dois quilômetros de largura, para construir a represa, de 236 metros de altura e mil metros de comprimento, na parte superior. Em 1936, quando foi terminada, era a maior estrutura de aço e cimento jamais construída. Formava um lago artificial de 3,5 quilômetros de largura por 200 quilômetros de extensão.

A represa de Boulder tem agora instalados dez geradores de energia elétrica, com uma capacidade total de 952.300 quilowatts, podendo atingir até 1.322.300 quilowatts. Suas águas estão irrigando mais de 300.000 hectares de terras e a corrente do rio, que antes variava de 84 a 5.600 metros cúbicos por segundo, está agora regulada para evitar enchentes. Por meio de canais e aquedutos, que funcionam segundo o princípio do sifão, para elevar o nível da água, esta é retirada da represa para irrigação e para uso doméstico em longínquas zonas

situadas até a 300 quilômetros de distância. As represas de Grand Coulee, que foi completada em 1941, e a do Shasta, cuja estrutura ficou terminada este ano, contêm mais concreto e são de maiores dimensões do que a de Boulder, conquanto sejam de menor elevação. A de Grand Coulee, que mede 178 metros de altura por mais de 4.000 metros de extensão, na parte superior, é a maior represa de concreto até agora construída. Encerra um açude de 257 quilômetros de extensão, cobrindo uma superfície de 33.000 hectares de terra. Sua capacidade hidro-elétrica chega a 2.000.000 de quilowatts. A represa de Shasta, que mede 180 metros de altura e 3.500 metros de comprimento, em cima, é a segunda maior massa de concreto construída no mundo. Tanto a represa de Grand Coulee como a de Shasta estão preparadas para fazer irrigação e regular as enchentes na mesma escala da represa de Boulder.

A execução de uma obra de tais dimensões nunca tinha sido levada a efeito. Por isso, os engenheiros construtores das represas tiveram que estabele-



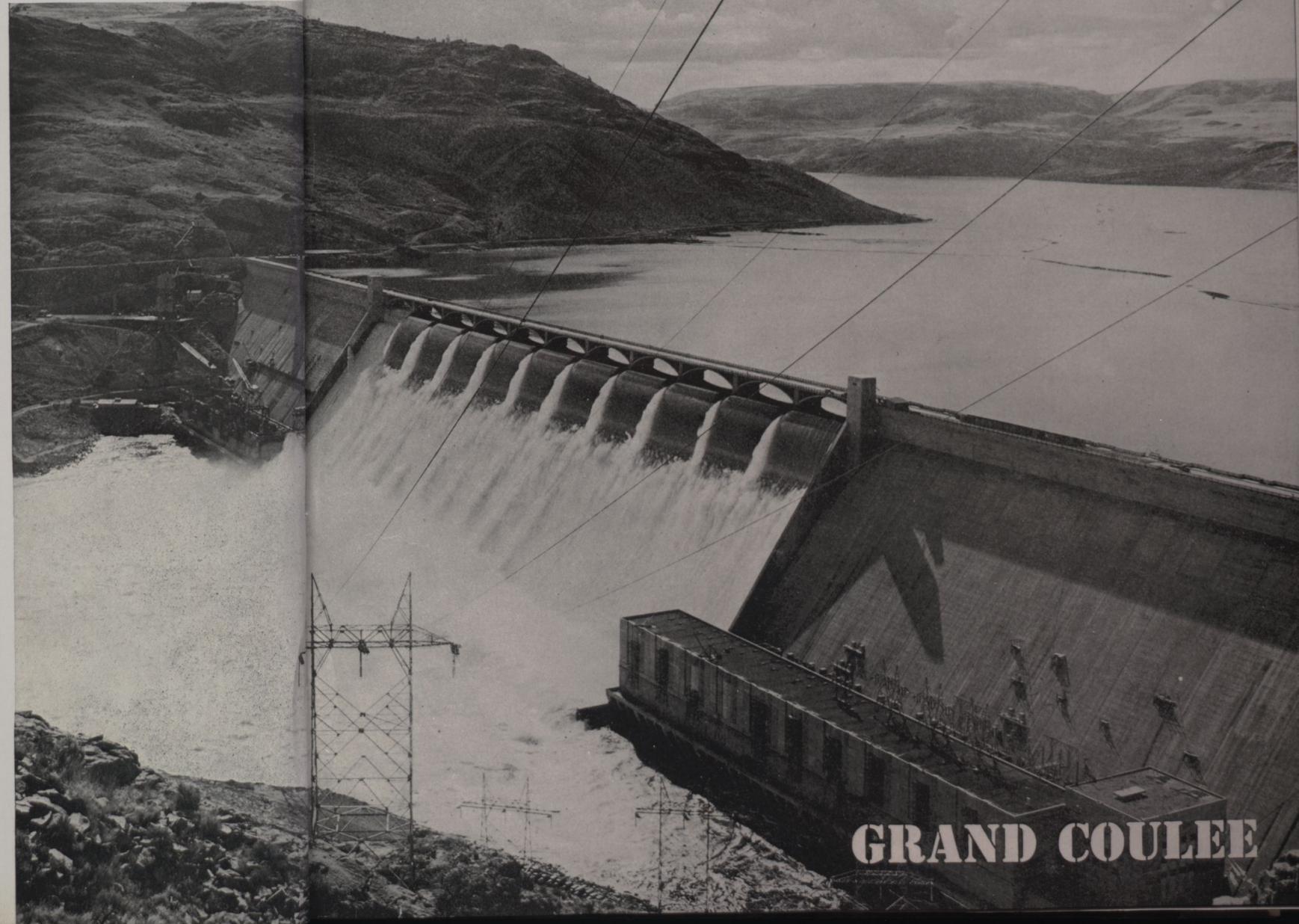
Na construção da represa de Shasta os operários e o material eram transportados por meio de cabos aéreos

O mais moderno açude—de Shasta, no rio Sacramento, é útil para a irrigação e para vários fins industriais



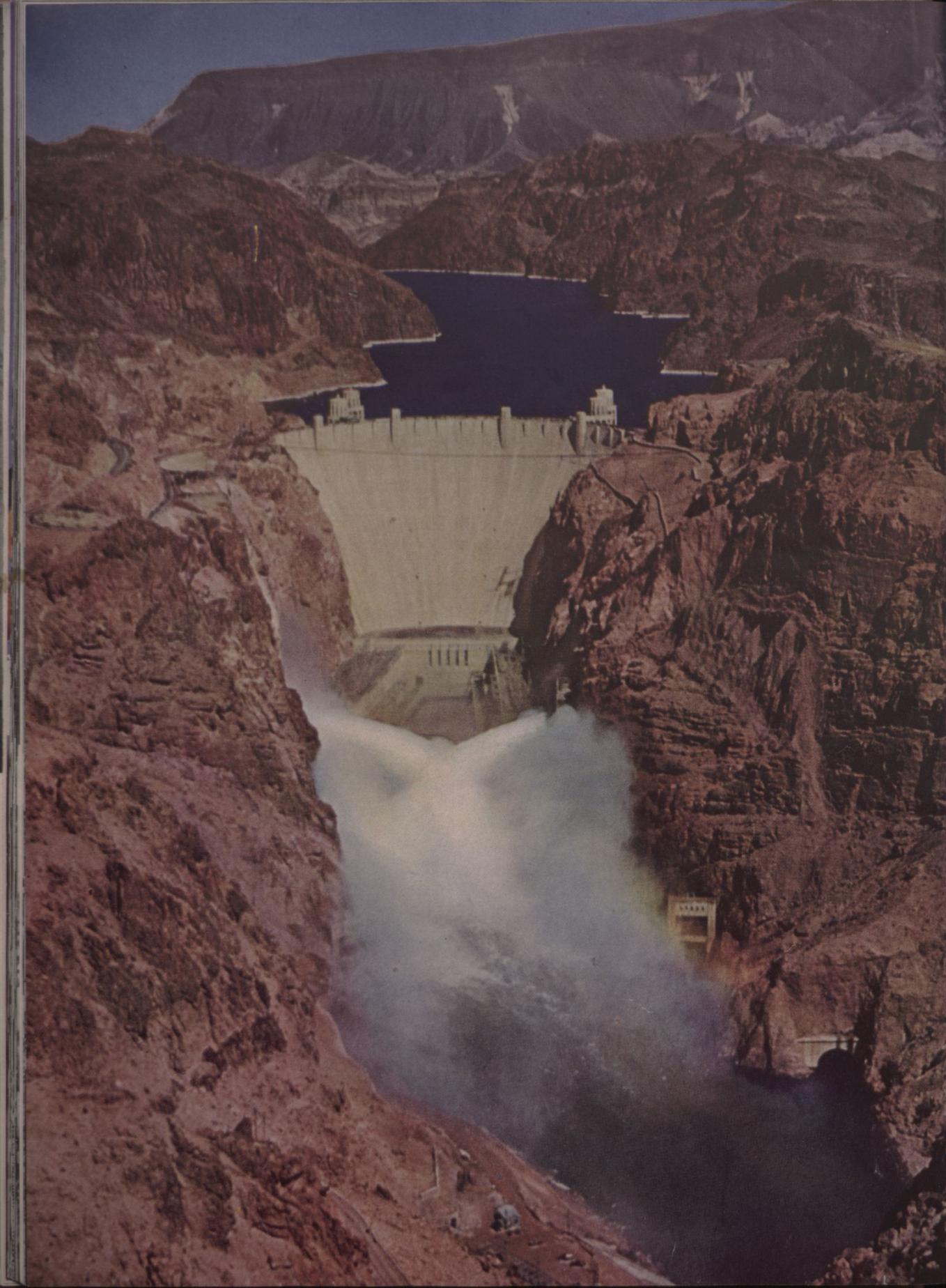
SHASTA

A represa de Grand Coulee está abastecendo de energia



GRAND COULEE

elétrica numerosas fábricas extratoras de alumínio, o material essencial à construção de aviões. O estratégico produto é extraído da bauxita, por um processo elétrico



BOULDER

A represa de Boulder, a primeira a ser terminada, é a que tem maior capacidade de água, calculada em 38 milhões de litros.

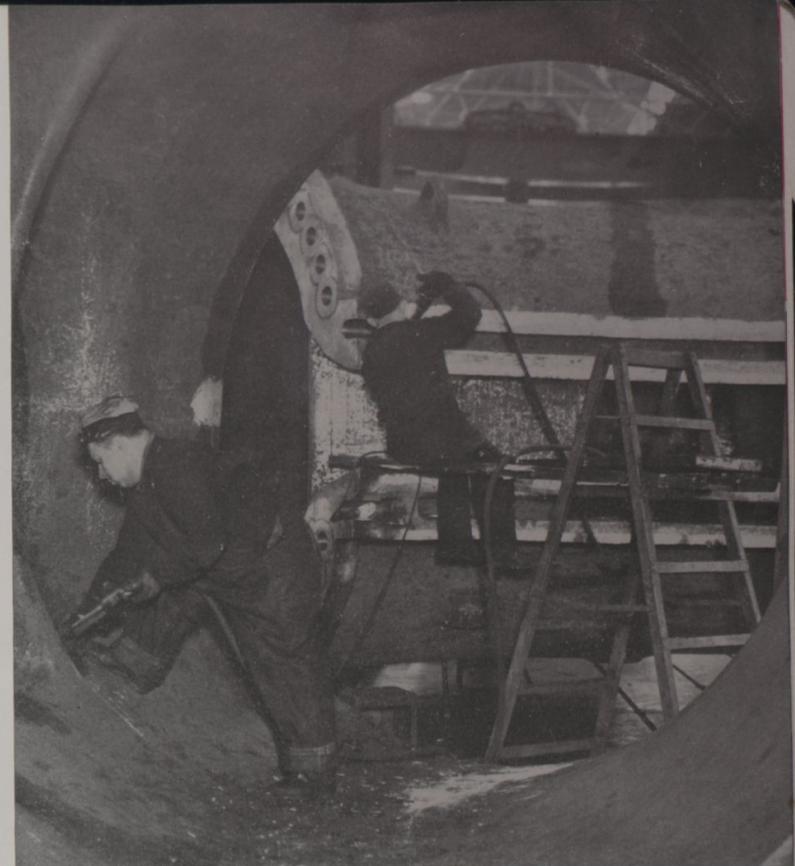
cer novas fórmulas para determinar tanto a pressão que seria exercida em diferentes pontos da estrutura, como a resistência dos materiais a serem empregados. A natureza do trabalho era bastante arriscada, razão por que 110 operários perderam a vida, como o resultado de quedas e de outros acidentes durante a construção da represa de Boulder. Em certa ocasião, quando a obra estava pela metade, as águas do rio cresceram dez metros em quarenta segundos, pondo em risco toda a estrutura. O desabamento de uma barreira quase envolveu a muralha da represa de Grand Coulee, com uma torrente de 200.000 metros cúbicos de lama e barro. Os efeitos do desabamento foram estancados depois que os engenheiros colocaram doze quilômetros de canos de refrigeração, para congelar a lama.

Durante a construção da represa de Grand Coulee surgiu também um curioso problema. Nas águas do Columbia, os salmões costumam ir rio acima, para as suas cabeceiras, em grandes quantidades, todos os anos. A pesca do salmão constitui ali uma das maiores indústrias, e havia o receio de que a construção da represa iria impedir que os peixes atingissem o seu costumeiro ponto de concentração. Os engenheiros resolveram o problema, construindo uma "escadaria" formada de amplas bacias situadas em diferentes níveis do curso do rio. Os salmões não tardaram em se servir deste recurso para saltar de um nível para outro, até alcançarem as águas da represa. A necessidade de aumentar a produção de alumínio, destinada à fabricação de aviões, tem absorvido grande parte do consumo de energia elétrica produzida pelos geradores da represa. O alumínio é extraído da bauxita por um processo eletrolítico. A matéria prima, bauxita, é submetida a cargas concentradas de eletricidade, dentro de um banho químico, resultando a precipitação do alumínio.

Das dezoito turbinas com as quais deveria ser dotada a represa de Grand Coulee, somente três estão instaladas. Mas esta represa e a de Bonneville, também construída no curso do rio Columbia, estão sendo a fonte hidro-elétrica de 230.000 volts, usada nos trabalhos extrativos do alumínio. Esta contribuição é tão importante que o minério segue de outros pontos extremos do país para ser tratado nas fábricas do oeste. O número de aviões a serem construídos depende da quantidade de alumínio produzido. E a eletricidade é fator essencial.



Por desertos e montanhas, os cabos de transmissão de energia elétrica vão movimentar numerosas indústrias de guerra nos Estados Unidos



Trabalhando numa seção interior da enorme represa de Boulder. Em baixo: para chegar aos vários campos de irrigação e para servir ao abastecimento público em muitas cidades, a água, às vezes, segue por longos aquedutos que distam até 300 quilômetros do grande açude. Na gravura vê-se um sifão que conduz o precioso líquido através do curso do rio New e de várias montanhas



O VIZINHO DO NORTE



Tropas do regimento Princesa Patricia, da infantaria canadense, atacando uma coluna alemã de transporte. O Canadá já mandou mais de 200.000 combatentes



Somente a terça parte dos armamentos produzidos pela indústria do Canadá é destinada às suas forças combatentes. O resto segue para os aliados. Esta grande fábrica em Toronto produz bombardeiros "Mosquitos", um dos melhores tipos de aviões da R.A.F. Vê-se no primeiro plano a instalação de um dos seus potentes motores



Vista do intenso trabalho de montagem de tanques na fábrica de Ram, que pelas suas dimensões e pela quantidade de sua produção, é a segunda fábrica no gênero, no mundo

O DOMÍNIO DO CANADÁ é a maior unidade geográfica na América do Norte, ocupando quase metade do continente, mas grande parte do seu território é escassamente habitado. Seus centros industriais, seus lagos, as grandes florestas e as intermináveis extensões de terras que lhe ficam ao norte, as montanhas de granito e a sua região litorânea cortada de portos e enseadas contém menos de 12.000.000 de habitantes.

Contudo, o povo do Canadá tem mandado combatentes para todas as frentes da guerra e a indústria canadense está não somente equipando e abastecendo seus combatentes, como também produzindo grande quantidade de munições e de material bélico para as nações aliadas. O Canadá tem construído navios de guerra para os Estados Unidos, tanques para a Rússia e canhões para a Grã Bretanha. Menos de um terço da sua produção de guerra está sendo reservada para as suas próprias forças militares, no país e no estrangeiro.

Desde o rompimento das hostilidades, a Marinha do Canadá expandiu seus efetivos, que eram de 1.700 homens, para mais de 67.000, e a sua frota, que aumentou de 16 para 550 navios. O efetivo do Exército, que era de 4.500 homens, é agora de 455.000, e a sua força aérea passou de 4.000 homens para 200.000. Durante o período mais agudo da guerra submarina, os navios de guerra canadenses comboiaram cinquenta por cento dos abastecimentos destinados à Grã Bretanha e à Rússia, através do Atlântico norte. O Canadá forneceu também a terça parte do pessoal aeronáutico de R.A.F. que bombardeou a Europa dominada pelo Eixo, nos grandes ataques durante o verão deste ano. O esforço de guerra canadense tem sido ligado com o dos Estados Unidos através de várias entidades, a Junta Mixta de Defesa Permanente, a Comissão de Coordenação de Materiais, a Comissão Mixta Econômica, a Comissão Mixta de Produção de Guerra e a Comissão Mixta Agrária. Mesmo antes da guerra ficou entendido que os dois países seriam solidários na defesa do Hemisfério.

No dia 18 de Agosto de 1938, durante sua visita ao Canadá, o Presidente Roosevelt declarou:

"O Domínio do Canadá é parte da confraternização do Império Britânico. Posso garantir-vos que o povo dos Estados Unidos não ficará indiferente se o Canadá sofrer qualquer ameaça de alguma potência estrangeira".

O Primeiro Ministro Mackenzie King respondeu:

"Nós também temos obrigações como bons vizinhos e amigos. Uma delas é tornar certo que, quando se apresentar a ocasião, qualquer força inimiga será impedida de atravessar o território canadense, por terra ou pelo ar, para atacar os Estados Unidos."

Acórdos foram feitos para que os Estados Unidos completasse a rodovia através do território canadense até o Alaska, fortalecendo assim a defesa daquele território setentrional por meio de uma linha interna de comunicações e de abastecimentos. Juntamente com a Rodovia Panamericana, aquela estrada facilitará o tráfego de automóvel desde o Alaska aos confins da América do Sul. Será a maior extensão rodoviária do mundo.

O Canadá, que é uma unidade autônoma do Império Britânico, entrou na guerra quase que ao mesmo tempo que a Grã Bretanha. Em 1º de Setembro de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia, o governo canadense declarou o país em "expectativa de estado de guerra." A 3 de Setembro verificou-se a declaração de guerra do Reino Unido e da França, e a 10 de Setembro, o Canadá declarava guerra à Alemanha.

O almirantado britânico enviou então um cabograma indagando quando o Canadá poderia começar a comboiar navios através do Atlântico. O governo do Domínio respondeu: "Imediatamente." Dentro de poucos dias, um comboio de dezoito navios partiu para a Inglaterra. Breve, seus estaleiros começaram a trabalhar intensamente. Sua indústria pesada foi transformada para a produção de guerra. Numerosas fábricas de aviões foram construídas, empregando milhares de operários. E além de preparar a sua própria força aérea, o Canadá pôs todas as facilidades à disposição de 50.000 aviadores procedentes de outras partes do Reino Unido.

O governo deu início ao racionamento, afim de conservar seus abastecimentos e poder também suprir os aliados. A venda de manteiga, de carnes e de outros produtos alimentícios ficou rigorosamente restrita. Apesar de ser o Canadá um dos maiores países pro-



A resposta do Canadá à ameaça dos submarinos. Um destes velozes caça-submarinos acaba de lançar uma bomba de profundidade, causando a elevação de uma coluna d'água de 30 metros. Durante o período agudo da guerra, as unidades canadenses comboiaram cinquenta por cento dos navios destinados à Grã Bretanha e à Rússia. Em baixo: um destróier canadense em obras





O embarque de peças de artilharia pesada, acondicionadas em engradados especiais para protegê-las durante a longa travessia, com destino a um porto do Atlântico, e daí para a Europa



Um exército necessita de milhares de capacetes mas, cada um, tem que ser rigorosamente perfeito e meticulosamente examinado antes de ser embarcado para as tropas nas frentes do batalha. Em baixo: o Corpo Auxiliar Feminino do Exército canadense durante uma parada, em Ottawa. A mulher canadense está prestando relevantes serviços nas atividades da frente interna



(Continuação)

dutores de carne de porco, o toucinho foi logo retirado do mercado e passou a ser alimento de guerra, para as forças armadas nas frentes de batalha. O mesmo aconteceu com o salmão, que é pescado em numerosos rios canadenses, e se presta para ser enlatado facilmente.

A reorganização da vida econômica do Canadá foi completa. Os agricultores aceitaram prontamente o controle da sua produção pelo governo. Graças a medidas de emergência, os criadores de gado retardaram um ano a matança do gado, aumentando assim de dois para três anos a idade do gado destinado ao corte. Desta maneira ficou o país amplamente abastecido para emergências futuras. Quanto ao trigo, grande quantidade deste cereal está sendo reservada para atender às necessidades de alimentação em várias regiões do mundo, depois da guerra.

A mão de obra passou a ser distribuída racionalmente pelo governo nas indústrias mais necessitadas. Em doze dos estaleiros canadenses de construção naval, o número de operários aumentou para 43.000 e desde então têm produzido mais de 500 navios cargueiros — sendo 175 de 10.000 toneladas. Em seus estaleiros também têm sido construídas numerosas corvetas destinadas aos Estados Unidos, do tipo de unidades navais pequenas e velozes em que se especializa a Marinha canadense.

As grandes fábricas de automóveis do Domínio foram adaptadas para a construção de veículos militares. Quatorze mil destes veículos foram usados nos ataques iniciais contra a Sicília, sendo que até fins de Junho último, as fábricas canadenses já tinham produzido 500.000 veículos de vários tipos, inclusive 24.000 tanques e carros blindados. Suas fábricas produziram ainda 55.000 peças de artilharia e 630.000 armas pequenas, além de 800.000 toneladas de produtos químicos e de explosivos, 525.000 projéteis de artilharia pesada e 25 milhões de cartuchos. A produção de aviões está sendo de oitenta por mês.

Quando os japoneses atacaram Pearl Harbor, o Canadá declarou guerra ao Japão antes dos Estados Unidos. Juntamente com a Marinha norte-americana, forças navais canadenses entraram em ação no Pacífico e forneceram cinquenta por cento dos navios de guerra necessários ao serviço de escolta dos comboios transatlânticos. A remessa de abastecimentos do Canadá para a Inglaterra foi feita em quantidades tão grandes que os ingleses tiveram dificuldades em dispôr de dólares canadenses para os respectivos pagamentos, mesmo depois de liquidar os créditos britânicos no Canadá. O parlamento canadense solveu o problema, votando uma verba de um bilhão de dólares, como um presente à Grã Bretanha. Mais outro bilhão de dólares foi votado no ano seguinte para pagar o fornecimento de munição feito aos países aliados.

O governo canadense acentuou o fato de que o fornecimento de munição aos aliados não estava limitado por qualquer verba que fosse apropriada, mas unicamente pela quantidade de produção e pelo excesso acima das necessidades internas do país. Assim se expressou o Ministro das Finanças Ilsley:

“Desejamos fornecer qualquer material bélico que produzirmos em excesso das nossas necessidades militares. Não queremos que qualquer escassez de dinheiro da parte dos nossos aliados os impossibilite de obter tais suprimentos.”

A mulher canadense tem contribuído pronta e eficientemente para substituir milhares de homens que foram chamados ao serviço militar. Não somente em numerosos trabalhos civis como também na produção de guerra, a mulher no Canadá está tendo parte ativa na frente interna. Mais de 225.000, dentre as 3.227.444 mulheres, de 15 a 54 anos de idade, trabalham na indústria bélica, e 31.000 alistaram-se nos serviços auxiliares das forças armadas. Nos trabalhos da lavoura estão empregadas 130.000.

As forças armadas canadenses estão tomando parte em todas as ofensivas lançadas pelas Nações Unidas. Mais de 200.000 homens estão nas frentes européias e milhares de outros estão servindo no Hemisfério Ocidental, fóra das fronteiras do Canadá. Seus aviadores, juntamente com os dos Estados Unidos, têm atacado os japoneses em todos os setores da guerra no Pacífico, desde as ilhas Aleutas até a costa da Austrália e no Extremo-Oriente. Na campanha no norte da África, a aviação canadense teve importante desempenho, e das suas forças de terra, 20.000 homens foram dos primeiros a desembarcar na Sicília.

Um dos fatos que mais compungiram o povo canadense foi a notícia das baixas sofridas por suas forças no ataque feito pelos “Comandos” contra pontos fortificados pelos nazistas, em Dieppe, na França, em Julho de 1942. As tropas canadenses, em cujo treino se inclui essa tática de assalto, foram as que sofreram o embate mais violento do encontro com as tropas germânicas.



Nêste lar canadense, todos os membros da família contribuem para a vitória. O pai, Morton Baker, é oficial aviador e os filhos ou estão na guerra ou trabalham na indústria



Num raro momento de lazer: Morton Baker, sua esposa e três de seus quatro filhos. A família Baker é típica da completa mobilização de guerra no Canadá

VIZINHOS DO NORTE

A MOBILIZAÇÃO TOTAL DA POPULAÇÃO DO CANADÁ

FOI num dia quente de Setembro que, em Ottawa, todos souberam que a guerra havia atingido o Canadá. Morton Baker estava sentado à porta do Posto de Bombeiros N. 8, do qual ele faz parte, quando ouviu pelo rádio, a declaração de guerra. Naquele momento, Baker não acreditava que a guerra viesse afetar muito a ele ou a sua família. Pela sua idade, 38 anos, já estava fóra do alistamento militar de primeira linha; seu filho mais velho, por sofrer do coração, não podia ser incorporado no exército; o filho mais moço tinha 14 anos apenas e as suas duas filhas, gêmeas, eram solteiras.

Mas, desde então, o próprio Baker tornou-se oficial aviador. Serviu na guarnição da Terra Nova e da Terra do Lavrador. Depois foi designado para chefiar o serviço de bombeiros numa das maiores áreas de defesa do Canadá. Seu filho mais velho, Cliff, está trabalhando numa fábrica de armamentos. O mais moço, depois de submeter-se à preparação militar, está servindo com as tropas canadenses numa das frentes de batalha, além-mar. Uma das filhas, Gwen, casou-se com Leonard Fresque, que é artilheiro das forças aéreas do Canadá em operações nos teatros da guerra no Velho Continente. A outra filha, Verna, alistou-se no Corpo Auxiliar Feminino do Exército canadense. E assim, o que se passou com a família Baker é bem um exemplo característico do Canadá.

UM VETERANO DE 16 ANOS DE IDADE



O sargento Wherley (à esquerda), com o sargento N. Woll. Alistou-se aos 14 anos e participou de 22 raids, antes de ser descoberta a sua verdadeira idade

NA noite de 31 de Março de 1942, Clifford Wherley, de 14 anos de idade, foi ao cinema da pequena vila de Elmwood, em Illinois. A fita, intitulada "O sargento York," era a história de um rapaz montanhês, de Tennessee, que, apesar de ser contra a guerra, se tornou um dos heróis mais famosos dos Estados Unidos, durante a primeira guerra mundial. O jovem Clifford não tinha dado muita atenção à presente guerra até ver esse filme. Sua vida se resumia em ir à escola, trabalhar na fazenda de seu pai ou caçar coelhos ou esquilos, com a sua espingarda ou por meio de armadilha. Naquela noite ele saiu do cinema resolvido a combater — tornar-se um outro sargento York. Ao chegar à casa, todos da família estavam dormindo — seu pai, sua mãe e sua irmã, Elvira, de 12 anos.

O rapazinho arrumou uma maleta, pôs no bolso 20 dólares, de suas economias, e, antes de raiar o dia, saiu de casa e seguiu pela estrada a fóra, em direção à vila. Ao amanhecer, tomou o primeiro auto-ônibus para Peoria, a cidade mais perto, onde havia um posto de recrutamento do Exército. Ao meio dia, estava ele perante o oficial do recrutamento, como voluntário. Declarou que tinha 18 anos. Isto não era exato, mas o rapaz estava decidido a se alistar no Exército. Os menores de 18 anos só podem se alistar nas forças armadas com permissão dos seus progenitores. Fisicamente,



Nas horas vagas, no norte da África, o Sargento Wherley sonhava com as deliciosas guloseimas que sua mãe costumava fazer em casa

ele aparentava ter 18 anos e as autoridades tiveram satisfação em aceitá-lo. Dentro de um ano, o jovem Clifford Wherley estava no norte da África, tostado do sol, rijo e firme como um verdadeiro soldado. Tinha agora 15 anos e era artilheiro num grande avião de bombardeio. Havia muito que combater, de sorte que o rapaz estava em constante atividade. Agachado no canhão da cauda do seu avião, ele participou de 22 missões e contribuiu para que se destruíssem 16 aviões inimigos. "Só disse que abati

um avião," declarou ele, mais tarde, "porque, geralmente, eu e um amigo meu costumávamos atirar contra os mesmos aparelhos. Ele era artilheiro de um outro avião da nossa esquadrilha. Abatemos quinze, mas nenhum de nós tinha certeza dos aviões que tínhamos atingido."

O jovem artilheiro foi promovido rapidamente até sargento-mór. Era considerado como um dos mais hábeis combatentes da sua esquadrilha. Mas, quando menos podia esperar, sua mãe, ansiosa, mandou a certidão de idade do filho ao Ministério da Guerra, chamando atenção para o fato de ser o sargento Wherley de menor idade. Este foi chamado à presença do seu comandante, na África. Referindo-se depois a esse encontro, disse ele: "O comandante foi muito ríspido. Disse que eu não devia ter mentido a respeito da minha idade. Mas, pela maneira como piscou o olho, fiquei certo de que ele não estava zangado."

Em face da realidade dos fatos, o sargento Wherley foi excluído das fileiras, com todas as honras que lhe eram devidas e enviado para sua terra natal. Aos 16 anos, ele já era um veterano — e dois anos jovem de mais para ser soldado! Hoje, está trabalhando numa fábrica de aviões. E quando lhe perguntam qual é a sua maior ambição na vida, responde prontamente: "Minha maior ambição é completar meus 18 anos, para poder me alistar novamente."

SOBREVIVENTES DO MAR

E' uma velha tradição entre os homens do mar, quando se referem a um companheiro que foi tragado pelas ondas, dizer simplesmente que "ele não voltou." Assim se resume o destino do companheiro desaparecido. Aos seus parentes, são, geralmente, relatadas as circunstâncias do fato. Mas a todos os demais, a resposta é sempre a mesma: "Ele não voltou."

Mas para aqueles que sobrevivem ao naufrágio, a tradição é outra. Fazem longas descrições do desastre, em todos os seus pormenores — como foi a luta contra os temporais e contra o inimigo, como os navios do combão foram atingidos pelos torpedos ou pelo fogo dos canhões dos submarinos e como os tripulantes conseguiram salvar-se. Vem depois a odisséia sobre o mar revolto, nas baleeiras, perscrutando constantemente os horizontes, até o venturoso momento de serem encontrados, salvos e chegarem, finalmente, a terra firme.

Antes da guerra, os progressos da navegação e os melhoramentos introduzidos na construção naval reduziram consideravelmente o número de desastres marítimos, tornando a profissão do marinheiro tão garantida quanto qualquer outra profissão em terra. Mas com o romper das hostilidades e com o início da campanha submarina nas águas americanas, voltaram novamente os riscos da navegação. Em poucos meses de guerra, mais de 4.000 marinheiros americanos "não voltaram." Outros milhares foram socorridos ou alcançaram o litoral em escaleres. Isto foi antes de serem descobertos métodos efetivos de localizar os submarinos e de comboiar os navios, fatos que reduziram consideravelmente os afundamentos.

Vários fatores determinam a possibilidade de escapar de um navio torpedeado. Na maioria dos afundamentos, mesmo quando o navio afunda lentamente, sempre há algumas perdas de vidas. Três ou quatro homens que se encontram perto do ponto atingido pelo torpedo morrem diretamente por causa da explosão ou ficam asfixiados na casa das máquinas, que se inunda imediatamente. O local do afundamento é também importante. No norte Atlântico, os tripulantes sem abrigos especiais não conseguem



Marinheiros ingleses socorridos por um barco guarda-costas dos EE.UU., depois de ter sido o seu navio torpedeado pelos alemães. Muitos marinheiros sobrevivem às tremendas privações, mas milhares deles morrem



Um destróier reboca um bombardeiro patrulha e salva a sua tripulação, nas águas do Pacífico. O avião esgotou seu combustível e foi obrigado a pousar no mar. Um submarino americano viu-o e deu sinal



Depois de longas horas de sofrimento estes naufragos de um cargueiro são socorridos no norte do Atlântico pela patrulha

SOBREVIVENTES DO MAR (Continuação)

sobrevir mais de alguns dias expostos às intempéries e ao rigor do frio, ao passo que na região do sul, podem permanecer ao léu da sorte durante semanas e até meses. Aqueles que são torpedeados dentro do perímetro de alcance dos aviões que têm suas bases em terra esperam ser vistos e salvos pelas patrulhas aéreas. Além disto, as balsas e as baleceiras salva-vidas estão agora providas de água, de conservas alimentícias, de petrechos de pesca e transmissores de rádio e respetiva antena instalados em esferas flutuantes.

Os afundamentos mais trágicos ocorrem no Atlântico norte. Num período de quatro dias, verificou-se a perda de 850 vidas decorrentes do afundamento de dois navios dos Estados Unidos. Com o maior deles, que era um navio mixto, de carga e de passageiros, desapareceram 678 pessoas. O torpedo o atingiu à noite, bem à proa, e o navio afundou em poucos minutos, lançando tripulantes e passageiros num mar gelado.

Durante os 25 minutos em que se deu o naufrágio, os marinheiros tudo fizeram para soltar as baleceiras e as balsas salva-vidas, mas em muitos casos foi impossível. Dos 750 passageiros, somente 185 conseguiram salvar-se; dos 130 homens da tripulação, escaparam 28, e dos 24 homens da marinha de guerra, que compunham a guarnição dos canhões de bordo, somente 13 foram salvos. Tódos, quando foram socorridos, estavam em precárias condições, devido ao abalo e aos sofrimentos por que passaram. Três dias depois, quando ocorreu o segundo afundamento, 172 pessoas desapareceram, vítimas dos submarinos inimigos.

No sul do Atlântico, um navio mercante, artilhado, enfrentou dois navios corsários nazistas, que dispunham de canhões de 86 mm. e de metralhadoras, mas o fogo certo dos artilheiros do navio mercante pôs à pique um dos atacantes. Numerosos marinheiros que substituíram os artilheiros mortos

foram vitimados no combate. Semente depois de terem explodido as caldeiras do cargueiro, foi este abandonado pelos tripulantes.

Quatorze homens conseguiram salvar-se numa baleceira, à vela, rumando para a costa da América do Sul, onde chegaram, depois de trinta e um dias.

A Sra. Margaret Gordon, australiana, conseguiu permanecer no mar 51 dias, a bordo de um pequeno escaler, quando o navio britânico em que ela viajava foi torpedeado por um submarino. Seu marido morreu na ocasião do naufrágio. Na embarcação salvaram-se dezesseite homens, mas quando foram socorridos, na costa da América do Sul, restavam somente a Sra. Gordon e o terceiro piloto J. Whyte.

O chinês Poon Lim, da ilha de Hainam, bateu o recorde de permanência no mar, em luta contra as ondas, depois de um afundamento. Ele era o despenseiro de bordo, quando o seu navio foi ao fundo, na costa da África. Conseguiu alcançar uma balsa salva-vidas, improvisou uma vela e passou no mar 131 dias. Um pouco de água e várias latas de biscoitos duraram-lhe 50 dias. Depois disso, pôde pescar um pouco para continuar a se alimentar e a água da chuva serviu para saciar-lhe a sede. As correntes oceânicas arrastaram a balsa através do Atlântico e levaram-na finalmente à embocadura do Amazonas, onde o naufrágio foi salvo.

Uma dos episódios mais dramáticos da vida do mar foi relatado por Basil Dominick Izzy, jovem artilheiro naval, de 20 anos. Juntamente com dois marinheiros holandeses, ele passou 83 dias numa balsa, na qual haviam se salvado cinco tripulantes ao todo. Três não resistiram aos tremendos rigores de uma existência repassada das mais cruéis privações. Seu navio era um cargueiro artilhado, que foi torpedeado nos mares do sul.

Basil descreve como lhes foi possível improvisar, com uma tesoura, um arpão que lhes proporcionou alguns peixes para a sua alimentação. Quando con-

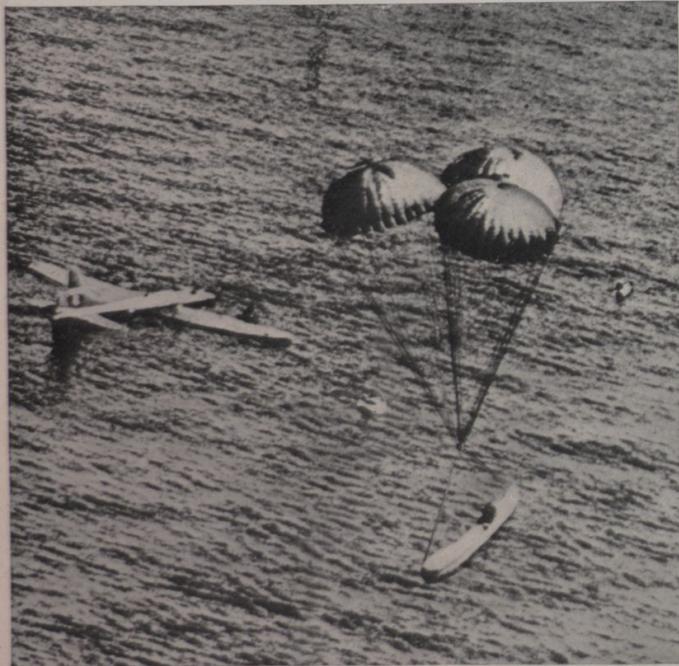
seguiram pegar uma gaivota, variavam de regime alimentar, ainda mesmo que tivessem de comer tudo cru. Servindo-se de uma corda, laçaram um tubarão. Primeiro puseram os pés dentro d'água, para atraí-lo, depois laçaram-no pela cabeça. Mas não foi sem grande esforço que o subjugaram a facadas. Com um pedaço de lona fizeram um pequeno reservatório de água da chuva, livrando-se assim dos tormentos da sede.

Basil foi criado numa localidade situada no litoral dos Estados Unidos, onde seus moradores estão familiarizados com a pesca. Dois de seus companheiros de infortúnio, os tenentes James Shaw Maddox e George Beasley, que também se salvaram na balsa, mas morreram depois, eram naturais do centro-oeste, onde o peixe, como alimentação, não é tão comum. Para estes dois, o tubarão e outros peixes crus eram simplesmente intragáveis. Beasley foi o primeiro a morrer. Quando já estavam dois meses no mar, sem rumo nem esperança, ficou cego e surdo, vindo a falecer dois dias depois. Maddox também sofreu os mesmos efeitos de tantas privações e faleceu setenta e cinco dias depois do afundamento. Ambos foram sepultados no mar.

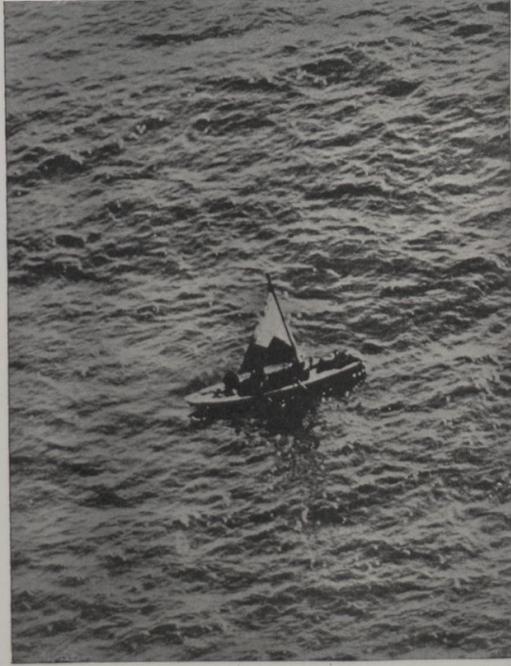
Quando só restavam dois sobreviventes na balsa, Basil e os dois holandeses, depois de 83 dias daquela odisséia marítima, foram, finalmente, avistados por uma patrulha aérea. Horas depois, aproximava-se um navio norte-americano que os recolheu a bordo. Estavam em tal estado de fraqueza que foi preciso carregá-los. A balsa tinha ido à garra numa extensão de 3.740 milhas. Basil perdeu 30 quilos, um dos holandeses, Cornelius van der Slot, de 37 anos de idade, perdeu 45 quilos, e o outro, Nicki Hoogendam, de 17 anos, perdeu 25 quilos, fato que atesta os horrores sofridos.

Estes marinheiros voltaram, fugitivos da própria morte. Passaram pelos sofrimentos a que estão arriscados tódos quantos navegam durante a guerra.

Uma lancha-motor é lançada de para-quédos, de um avião, para salvar os aviadores de um "Fortaleza Voadora" que esgotou a gasolina e caiu no mar, depois de longo raide contra a Alemanha



Este barco salva-vidas, dotado de vela, remos e um motor, foi lançado de para-quédos para os aviadores que foram obrigados a deixar o seu avião



As fotografias para este número são das seguintes procedências: Copas — Dep. de Agric. dos EE. UU., International, Int., Art Griffin, F. P. G., páginas interiores: 1 — Press Ass'n, Int.; 2 — Acme, Int.; 3 — Pa; 4 — Int., Acme; 5 — Acme, Int.; 6 — Harris & Ewing; 7 — Acme; 8 — Acme, PA; 9 — Paul Garrison, de Schostal; 10 — Acme, Harris & Ewing; 11, 12, 13 — PA; 14, 15 — Negociado de Comercio Exterior, Secretaria de Estado de Relaciones Exteriores, Republica Dominicana; 16, 17 (esq. em cima) — F.P.G.; 18 — Charles Phelps Cushing, PA; 19 — Dep. de Agric.; 20 — Ivan Dimitri; 21 — Ivan Dimitri, Dep. de Agric.; 22 — Finney, de Monkmeier; C. P. Cushing, Harris & Ewing; 23 — Acme, Finney, de F.P.G., Harris & Ewing; 24, 25 — W. Eugene Smith, de "Parade"; 26, 27, 28, 29 — Alan Fisher, Coord. de Ass. Amer., Acme, Corpo de Cadetes da Marinha Mercante dos EE.UU.; 30 — Keystone; 31 — F.P.G.; 32 — Dep. do Interior dos EE.UU.; 33 — F.P.G., Acme, Harris & Ewing; 34 — British Combine, European, Harris & Ewing; 35 — PA, Harris & Ewing; 36 — Press Association, Harris & Ewing, Acme; 38 — International, Acme; 39 — International, Press Association; 40 — Press Association; International.

Reduzidos a pele e osso, depois de 83 dias numa balsa salva-vidas, estes três marinheiros são salvos por uma patrulha naval ao largo da costa do Brasil

